

REVISTA
DE
Arte e critica

SERIE 2.^a

Fasciculo n.º 42

DIRECTORES:
Beatoir Pinheiro e Carlos de Lemos

VISCO, DEZEMBRO de 1900

CRONICA



INDA, com este fasciculo, a 2.^a serie da *Ave-Azul*. Forçada a interromper, talvez por alguns mezes, a sua publicação, a fim de se preparar para nova e mais longa viagem, a *Ave-Azul*, a quantos a ajudaram a vingar, e honrosamente, estes seus dois an-

nos d'existencia, agradece-lhes o valiosissimo concurso, com o qual fica contando, desde já, para logo que de novo abra azas aos ventos da publicidade. Vem-lhe esta confiança da certeza em que está de que cumpriu, o melhor que lhe era possivel, o seu modestissimo programma. Prometteu: *versos, quanto possivel, bons; prosas, quanto possivel, correctas*. De que cumpriu, e brilhantemente, é sobeja prova a lista dos seus illustres collaboradores:—poetas: Fausto Guedes Teixeira, Eugenio de Castro, Manuel Gayo, Carlos de Mesquita, Roberto de Mesquita, Sanches da Gama, Affonso Lopes Vieira, José Agostinho d'Oliveira, Camillo Pessanha, Paulino d'Oliveira, Delfim Guimarães, Ribeiro de Carvalho, João Lucio, Antonio Corrêa d'Oliveira, Alvaro d'Albuquerque, D. Thomaz de Noronha, Soares Cardoso, Sebastião de Carvalho, Jayme Cyrne, Pedro Fontellas, Campos Lima, Daniel Rodrigues, Silva Quin-



tella, Quintino L. Machado e José d'Arruella:—prosadores: Henrique de Vasconcellos, Xavier de Carvalho, Pinho d'Almeida, Eduardo J. Corrêa de Barros, Julio de Lemos, Adolpho Portella, D. Santos Guerra, Severo Portella, Henrique Luso, Lopes d'Oliveira e João Corrêa d'Oliveira.

Vão pela ordem por que nos occorreram á lembrança ou nos appareceram nas paginas da revista: nomes já gloriosos a par de outros apenas conhecidos: e entre uns e outros (digamo-lo, porque nisso temos nós muita satisfação) nomes que nem sequer eram conhecidos e que a *Ave-Azul* levou até fóra de fronteiras e pôz em plena evidencia não já só em Portugal mas no estrangeiro.

Diminuta, como era natural num paiz onde as damas por via de regra se não entregam ao cultivo das lettras, a collaboração feminina, diminuta muito embora, foi honrosissima: e para termos ensejo de o declarar, lhe guardamos para o fim a referencia. Abrihantaram as paginas da nossa revista:—em prosa: D. Anna de Castro Osorio e a Dr.^a Sofia da Silva;—em verso: D. Theresa Luso e D. Florencia de Moraes:—em prosa e em verso: Maria Velleda.

E não só de Portugal, mas ainda do estrangeiro, nos veio collaboração, e distinctissima: foram nossos collaboradores: D. Rafael Altamira, insigne cathedratico da Universidade de Oviedo, primoroso traductor de *Os meus Amores*; Phileas Lebesgue, illustre poeta e chronista do *Mercure de France*; Ary René d'Yvermont, laureado poeta do *Chants de l'âme*, redactor do *Le Nouvelliste de l'Oise*; Marc Legrand, o requintado poeta de *Ame Antique*; e Thomazzo Cannizzaro, o glorioso poeta italiano que para a sua lingua verteu os *Sonetos* de Anthero e os *Simples* de Guerra Junqueiro.

Isto sob o ponto de vista de *arte*.

Sob o ponto de vista de *critica*, sem já fallarmos nas centenas de livros de que se deu noticia e apreciação no *Registo Bibliographico*, que algum dia poderá fornecer elementos valiosos para quem se propuzer fazer um balanço do movimento litterario portuguez nestes dois annos, nas paginas da *Ave-Azul* foram largamente e conscienciosamente apreciadas obras

em prosa e em verso que nos parecem destinadas a ficar:—em verso: *Naufrago* e *O meu adeus*; *Saudades do Ceo*, *Oaristos* e *Constança*; *Esperança Nossa*; *Mondego*; *Auto do fim do dia*; e *Poema do Lar*:—em prosa: *Palavras d'Agnelo*; *A crença d'Anthero* e *Terra d'exilio*; *Transviado*; *Religião do sol* e *Triste fim d'um monstro*. Deu ainda apreciação desenvolvida de muitas obras estrangeiras: hespanholas, como *Enlaces de Reynolds* e *Mis Amores*; francezas, como *Constitution du monde*, *Contes surhumains*, *Chants de l'âme* e *Pour Noëmi*; italianas, como *Carmencita*, *Il trionfo* de G. Leopardi, *Yresdescenze* e *Vox rerum*.

E se é certo que, de accordo ainda com o seu programma, não expoz theorias novas nem terçou lanças por novas escholas, não é menos certo tambem que na apreciação de muitas, senão todas, d'essas obras não perdeu a occasião que se lhe offereceu de erguer a voz em prol da boa-arte, inspirada na natureza e na alma, sincera, viva, humana, a unica sempre bella e sempre victoriosa.

E fóra do campo da arte e da critica, mas com uma e outra relacionado, pugnou o melhor que soube e pôde, pela emancipação da mulher, ou seja: pela sua instrucção e educação, de forma a ella se tornar, como deve ser e Deus a destinou que fosse, verdadeira mãe, portanto — conselheira e guia—das futuras gerações; e pela pacificação universal, alvo a que deviam tender todos os esforços de quantos os olhos põem mais além do que no triste dia de hoje. Prestou a sua insignificante mas sincera homenagem a João de Deus, Almeida Garrett e Anthero de Quental; e fez quanto poudé por estreitar mais e mais os laços de sympathia e fraternidade litteraria entre os povos da raça latina, concorrendo para que em dia que ha-de vir proximo desapareçam d'uma vez para sempre as barreiras ao menos para aquelles que, alheios ás miserias baixas da politica e ás altas miserias da diplomacia, entendem que a Arte não tem patria e que, na Arte ao menos, todos os que a cultivam se dão as mãos como devotos do mesmo Ideal.

D'ahi por certo, em grande parte, os applausos e louvo-

AVE-AZUL

res que a *Ave-Azul* se orgulha de ter recebido de grande numero de illustres escriptores, portuguezes e estrangeiros, como Trindade Coelho, Rodrigo Velloso, Teixeira Bastos, Luiz Trigueiros, Adolpho Portella e Julio de Lemos; Phileás Lebesgue, Ary René d'Yvermont e Marc Legrand; Thomazo Cannizzaro, Prospero Peragallo, Antonio Padula, F. Italo Guiffré, Antonino Mari, Vincenzo Mellissari e Rufo Paraluppi: a alguns d'elles mais do que simples applausos e louvores deve: deve-lhes a versão de muitas das suas paginas: Antonio Padula traduziu para italiano a trilogia do *Poema do Lar*; Antonino Mary a prosa *Fructo Prohibido* da Dr.^a Sofia da Silva e a maior parte dos contos de Beatriz Pinheiro; Phileás Lebesgue e Thomazo Cannizzaro traduziram, aquelle para francez e este para italiano, o poemeto *Os tres cavalleiros*, tambem de Beatriz Pinheiro.

Se accrescentarmos que, pela sua parte, os directores da *Ave-Azul* na *Ave-Azul* publicaram os seus melhores versos e as suas mais cuidadas prosas, não será demais a consciencia que temos de, na medida das nossas forças, termos cumprido o que prometteramos ao iniciar esta publicação: e d'ahi nos vem a confiança em que, como até agora, tambem de futuro nos não hão-de faltar as sympathias do publico e o concurso indispensavel dos nossos camaradas nas letras.

A todos pois, os nossos agradecimentos; e... até breve.

A DIRECÇÃO



SALLA DE VISITAS

D^e MANUEL GAYO:**Duas leituras**

I

Noite brava. O céu negro desfazia-se em dilúvio. Da fragosa lomba de serra que tapava, a nascente, o valle profundo, as enxurradas despenhavam-se sarjando magras linguas de terra dura, mal encabellada de torga e matto rasteiro. E vinham ainda engrossar a enchente, já torrentosa com a crescente dos dois braços d'agua, expremidos do norte e do sul, d'entre o sopé da grande lomba e as bases dos montes que, a poente, ladeavam o leito da derivada e confluida ribeira, valle abaixo, e só longe a deixavam correr livre, entre salgueiros e ao rez de milharaes.

Apagada e muda, a aldeia pobre, aldeia de pastores e moleiros, encostava-se ao declivoso talude do monte sobranceiro á margem direita, e descia até que apenas delgada nesga de campo a separava da beira d'agua. Das tres azenhas, uma perdêra a roda, na levada, e as duas outras tinham-nas travadas com madeiros para aguentarem a força da corrente levantada.

Coroando a aldeia e o monte, de olivedo ralo, que a amparava, branquejava, ao alto, uma ermida. A poucos passos, ao curvar deste monte para levante, e dominando já o fundo leito onde refervia o braço d'agua jorrante de norte, alcançava-se a casa do cura—casa quadrada, de granito, e d'um só pavimento, cercada pelo muro de sequeiro passal, e ensombrada por um castanheiro velho. Espreitava a sul a travéz de apertada janella, e abria da banda da ermida, entre os dois braços do muro, uma porta baixa, de padieira larga e fortes alizares. A' banda opposta, a nascente, corria-lhe estreita varanda de lagedo, abrigada pelo avanço do telhado e

d'onde ao tôpo da esquerda, desciam para o passal três degraus de pedra. De dia, daquella altura de monte haviam de ver-se lá baixo, ao lado dum e doutro braço d'agua, dois atalhos picados nas penhas e enfiando para o coração da serra que, á primeira olhada, só parecia ser cortada pelos dois veios. Mas de noite, e sob o chuveiro grosso, mal se adivinhára que por taes fraguados houvesse caminho azado a passos de gente ou de feras.

Da ermida e do passal seguia-se, a poente, por um carreiro batido na extensa e alongada crista do monte onde passal e ermida se erguiam; carreiro duro que com o monte descia, declivando entre a ribeira a um lado e abertas de barrocaes a outro, e inclinando porfim, após caminhada longa, em ladeira doce e branda, até á planura das terras de pão.

Noite brava, de assustar lobos. Apagada e sumida, a aldeia dormia, ao fundo, ou escutava amedrontada, sem um ruído seu, o marulho das aguas, a reboada uivante do vento desatado, o chôro frio das inclinadas bâtegas, e o crepitar miúdo das saraivadas. As oliveiras curvavam a rama, baloiçavam-na á doida, vassoiravam o ar, a volteio, sob a açoitada rodante do temporal solto; enquanto os pinheiros novos do monte fronteiro, cortado a pique sobre o valle agora em fervedoiro, despediam aquelle gemido longo dos pinheiraes tristes, irmão das tristes vozes do mar. Nem signal de vida. Só no passal do cura um brilho de luz. Todas as noites ardia, lá cima, como se fôra lume de esperança e de guia aos que viessem perdidos por taes caminhos, quando adregasse andarem almas de Deus a tão duro tempo jogadas.

Noite brava.—Já desde sol posto, ao surdo roncar de trovões distantes, o largo panno do céu húmido se rasgava, a sul e nascente, em fitas de fogo; que tombavam agora dos quatro horisontes: em quebrados riscos de phósphoro vivo, umas dellas, outras em caidas flechas assombradoras, entremeadas de relampagos abertos, luzentes e repentinos como fulgores de incendio apartado. E todos os relevos da terra, todos os troncos e ramadas de pinhaes e olivedos tomavam, ao clarão estarrecedor de cada relampago ou faisca, perfeito contorno, in-

teiro recôrte de linhas e formas. Empurrada pelo vento, correndo de crista em crista e de valle em valle, trazida lá das altas serranias da neve, a trovoadra cheia ondulava em ribombos fartos; depois, tal maré de fragor desabalado ora arremedava estoirada vaga, a escavar e refluir nos côncavos e taliscas da penedia, ora cortava, em echos divididos, carraboicaes e covões acima; e logo rolava perdida, de quebrada em quebrada, ou ia bater, numa arrebentação bravia, de encontro á muralha das montanhas abaladas; até correr e alastrar por toda a redondeza do ar turvejado. O vento crescia, assoviando pelas barrocas e gargantas, rodopiando pelas cumeadas desertas—rápido no curso como as faiscas, que por seu lado fuzilavam brilhos agudos como silvos. O céu nuvioso ainda mais escurentava encostas e montes que pela alva do dia ficariam nevados, farinhentos de geada, vidrados de gelo nas poças e chasqueiros.

Só lá cima, no passal, se enxergára um riso de luz. E logo após a estalada de rijo trovão desmoronado, e um lascar de fogo vivo no pinhal fronteiro—a porta estremeceu batida com ancia.—Mal correu a abrir, sem cuidar quem fosse, e ao apagar-se-lhe o mécheiro que o allumiava—o cura sentiu resvalar de fóra e cair-lhe de pancada rente aos pés um corpo desamparado. Cerrada a porta a custo sobre o engolfado vento e accendida a luz—curvou-se a ver; e deu com um moço delgado e loiro. Tombára de fadiga, varado de frio, ao cabo de corrida arquejante sob a fustigação do temporal.

II

Quando logrou aviventá-lo e o colheu á ourela do lume gasalhado na enxuta roupa e no garnacho que lhe envergára, já refeito de forças pela ceia gostada—o cura só aventou espanto de como dera com atalho e carreiro, pois não tinha uso e vêso de taes sítios. Mas nem d'onde houvéra abalado, nem quem elle fosse perguntou—posto que seus olhos, pasmados de tão natural graça e belleza, se lhe não despregassem do moço.—Nunca de ninguem, chegado sob seu tecto, inquiria no-

me e destino. Para quê? Não lhe cabia gasalhar a todos como a germanos irmãos?—E não pudéra pôr sombra de má-gua, por lhe cuidarem desconfiança, nas almas que pedissem guarida?—Quantos, a demais, não forçaria a mentir ao querêrem resguardar o segredo do para quê jornadeassem?—Já bastas vezes facinorosos e salteadores teriam gostado tremez e conducto que só devêram confortar gentes vindas em pensamento de paz. Mas era Deus quem nos houvêra de differçar, e não elle; que a todos entendia de ver poisada, uma sede d'agua, e o pão e sal de todo sempre a romeiros e caminhantes dado.

—Estavam sentados um a cada banda da mêsá, que tinham chegada ao degrau da lareira. O recém-vindo via d'alli o quarto em que de fóra resvalára—unico aposento alem da cosinha; e voltava costas á parede d'onde para a varanda exterior davam inteiriça porta e esguia janella, guarnecida, ao alto de cada batente, d'um vidro estreito, pharolando luz aos extraviados da noite. Na lagem, entre as panellas de ferro, ardía resinoso tronco, espirrando fagulhas leves que volteavam, subiam, voavam. A luz do candieiro de cobre, posto a meio dos dois sobre a mêsá de aba, mal enchia a quadra triste, de tecto barrotado, denegrido soalho, e paredes afumadas. Rente da parede fronteira ao lume erguia-se, entre escabellos, massiço armário de castanho, almofadado. A' direita da porta aberta para o quarto estendia-se um catre baixo, sumido por farto cobrejão. A' esquerda, entestando já com o muro da lareira, assentava pesada arca de grossa ferragem, e ao cabo opposto desse muro, do outro lado do lar, bojudado pote de barro negro. A uma e outra ilhargá da chaminé corriam prateleiros onde luzia mal vidrada loiça.

Era no catre, allí na afumada cosinha, que o cura repoi-sava quando succedia albergar desgarrados caminheiros; pois logo os punha donos do seu leito de lisa espalda, e de todo seu proprio aposento, por mais guardado de estragos, posto bem despido de mimos, com, afóra o leito, a só mesa e estante de carvalho, as duas gastas cadeiras de coiro repregado, e o tósko lavatorio: frio aposento caiado, abrindo ao sul estreito

ta janella, guarnecida, como a da cosinha, de dois miudos vidros, e recuada a dentro dos humbraes de granito.

—De cubiçavel, e de geito a tentar, só possuía o crucifixo de marfim, suspenso á cabeceira, e dois pequenos quadros, reliquias trazidas, havia bons quarenta annos, quando alli se acolhera, batido de encoberta e calada desgraça. Taes coisas d'arte e devoção, a mais a dúzia de livros velhos inclinados nas táboas da estante—eram todo o bem de que jámais pudéra desprender-se, a que mais queria do que á vida de sua carne. De tudo mais se desguarnecêra voluntário, e de tudo mais cada dia sabia despojar-se.

O que, por fôro da ermida, era dado a soccôrro de peregrinos—ainda elle o accrescentava com o que lhe cabia arrecadar por seu; e, assim, onde para si mesmo guardava mingoa do que pudéra directamente possuir, vinham outros achar fartura de que nem todos mereceram lograr-se.

Tudo sabia ordenar e dispôr; e a muitos, quando chegados pela noite, fervia a ceia e preparava o leito. Mas na diária vida, porque de logar em logar o levassem obrigas de confêssão e viático, ou porque em suas leituras e exames d'alma antes gastasse todo o tempo salvo—era a gente da azenha grande, casal de engelhados velhos—quem vinha cuidar-lhe da casa e do sustento, e amanhar o enladeirado e pedregoso passal.—E o moço desgarrado, que não soubêra tolher-se de perguntar como a tal ermo logar se mettêra e avezára, ficou-se a olhar com maravilhados olhos o rosto do cura, quando este lhe representou seu agreste e candido viver, sem todavia desvendar causa ou razão do allí já tão antigo e supportado recolhimento. E o cura nada ao recém-vindo perguntou. Mas seus sabidos olhos, que muito da existencia se haviam pascido em tempo, e pareciam ter dom de interior penetração—víram nelle mais do que um moço delgado e bello como outros o pulêram ser; lêram em tão fermosa creatura assignalamento de mysterio; adivinháram, para além de quem alli tinham tão real e presente, alguém já na luz e verdade dum sonho ou visão revelado, embora mal avistado, como se a pedações repartido, em carnaes e passageiros vultos do mundo;

e acháram no fundo d'aquelles outros olhos—verdes e adolescentes—a miudo repassados de negrumes fulgurantes, dobrado poder de expressão e lume: alvas de Annunciação e lampejos de Finamento.—E pensou o velho:

de que servíra interrogá-lo, se nem elle mesmo saberá quem verdadeiramente seja!

Estavam sentados um a cada banda da mêsa. Trocáram mais paucados olhares. E tal exame por longo tempo os tolheu a um e outro.—O rosto descolorido do cura, a que o tempo e a requieima de sóes e nortadas haviam dado vista de rugoso e velho pergaminho—tão delgado na fronte nua, que se temêra vê-lo rasgar por cada vinco sobre o osso do craneo—, a deslaçada queda da bocca, esse vencido geito dos cantos, que é nas feições o que é na voz cançado e angustioso lamento; as vivas linhas do nariz firme e do descarnado queixo agudo; a sumida tristeza da face descaída—toda aquella expressão de mágua, toda aquella paixão de cabeça dolorosa, cingida de madeixas brancas, punham logo, pelos olhos, na alma de quem no contemplasse effeito de compassiva pena, de muito humano dó.

Attentando, todavia, e a cabo de mais demorada vista, nos olhos azúes do velho, foi de sobrenatural commoção o movimento que o moço vindo a dentro de si sentiu; pois, se o rosto trasladava penosos dias e antigas máguas—todo o mal soffrido, de que o vulto dava batidos e avincados signaes—parecia, a quem no azul de seus olhos se affirmasse, perder-se em graça de alevantada resignação. Tão de vôo subido era aquelle olhar que se lhe lia conformação resgatadora; como se cada pungimento, afinado nas mais altas cordas do sentir, já tivesse tocado a extrema da paciencia divina, ou se houvesse transfigurado em voluptuoso extase. E era assim como se taes olhos de velho fossem sempre moços!

Dominando-o pela estatura—que o velho era de altura mean—o recém-vindo contemplava-o como se contemplam duma crista de montanha os distantes horisontes do Céu. Ao passo que, atravez os olhos adolescentes do seu albergado, lhe parecia, ao velhinho, avistar, em transparentes longes da Ter-

ra verde,—agitados sonhos do mundo, turvadoras tentações da Vida, erguendo-se a cada brilho que os accendia, sumindo-se a cada vaga de sombra que os toldava, como se, em taes olhos, rápidos se succedessem turnos de luz e treva, quaes os dos dias e das noites da natureza. E, ao cruzarem-se de novo, os olhares dos dois de novo tomaram um do outro repentina e contrastada visão entontecedora—cuidando o moço haverem-se-lhe desvendado clarões de Eternidade, enquanto o velho estremecia ao adivinhar perdidos abysmos de morte.

III

Poz-se o cura a folhear com delgada e fria mão o breviário que trouxera para a mēsa, dizendo não haver ainda lido todas as devoções daquelle dia. Entrou de ler, ciciando ao de leve.

—O moço, após curto momento de alheado scismar, tirou de engelhado rolo de papel, que só lograra abrigar do temporal gasalhando-o contra a carne do peito. A voz correu-lhe ainda mal segredando em sombra, pelas linhas que elle mesmo lançára áquelle estremecido papel.

—E tão de inteira alma se abandonaram ao veio de cada leitura que, a cabo de algum dilatado tempo, mal davam pelo altear de suas vozes, cruzadas no ar grave e suspenso da triste quadra afumada.

—Mas, no crescente e acceso cursar daquelle leitura, já depois, de quando a quando, lhes entrava no ouvido alguma palavra que, á vez, dum a outro lado mais erguida passava; e logo se fazia sumida e apagada a voz que a soltara para, breve, subir de novo,—como num marulho de ondas, ora alevantado por de sobre a vaga toada da maré, ora adormecido na amortecida ferverura da espuma espaiada.

Pouco a pouco, por onde singulares palavras haviam entrado, penetravam a turno inteiros dizeres; e, por mal consciente porfia e defeza, cada um mais se afincava a seguir com o pensamento o escripto seguido no espelho da vista e no quasi só vocal pronunciar das syllabas. Perdido intento.

—Nessa luta ia cada vez sendo mais de quanto a espaços ouvia do que do visto e lido em seu mesmo livro ou solto papel—que um e outro sua atenção e phantasia já sustentavam. Jogando, como em sonho, a arma da propria voz, acordados e vigilantes recebiam mas era o sentido da palavra extranha. E assim ficavam um e outro, a um tempo, vencido e vencedor, a cada trocada falla ou brado d'alma. Até que déram, sem proposito, em só alternar a leitura, como se, despedida a flecha, esperassem o trôco do golpe mandado :

—*«Réspice in faciem Christi tui, qui coronam spineam vestémque purpúream gestat...»*

lia a murcha e quebrada voz do cura.

E a voz ardente e viva do moço erguia-se :

*«Vejo-a: cinge-lhe a fronte e as tranças d'ouro em vida
A corôa de murta e rosas que lhe dei;
E ainda a túnica traz, de púrpura tecida,
Com que eu, por não cegar, aos olhos a furtei.»*

Após mais longo e cerrado murmúrio da voz mortíça :

—*«Respice in faciem Christi tui, qui fessus et anhelus ad Calváriae locum cum cruce pervénit...»*

E a voz adolescente de novo subia :

*«Ainda a vejo: ao vencer-lhe Amor o erguido peito
E os olhos onde o meu ardente amor afio.
Como se allí se houvéra algum rocal desfeito—
Cantáram-me na bôcca os beijos seus, em fio.»*

—*«Et myrrhâti cum felle vini oblátum poculum degustávit...»*

*«E o mel da sua bôcca a minha bocca ungiu;
E foi como se o mel em vinho se tornára,
Quando Ella a doce cruz dos seus braços me abriu,
E a cruz dos braços meus cingindo-a se fechára.»*

—E a lucta das duas leituras assim continuava, de lado a lado travada, enquanto lá fóra ia uivando sempre o temporal despedido. E se as ardentes palavras da poesia eram de mortal sentido para o cura, ao moço, aquelles sagrados dizeres de morta língua, pela tão morta voz espalhados, soavam, mais por adivinhação, com viços d'alma nova e renascente quentura de vida.

Emquanto, lá fóra, ia uivando o temporal desfeito. Mas uivos do vento e rabanadas soavam tambem de contrária maneira a cada um dos dois que liam. Pois todas as soltas vozes da noite brava pareciam, ao ouvido dum d'elles, vir accórdemente afinadas com a voz do outro, e de gêmeo sentido e espírito movidas. De geito que, ouvindo-as ao ouvir a entoação e reza do velho, o moço cuidava escutar em tudo quanto escutava harmonias e córos divinos, em revoadas subindo, a envolverem, a reforçarem, a repetirem alto e longe, numa crystallina espiral de hymno milagroso, a dolorosa lettra da Paixão, allí erguida do mundo por tão amortecida e fanada garganta.

—E, ouvindo o moço, o cura estremecia, porque ouvia, de mistura, concertados córos de arrastador encanto, em revoadas descendo, a envolverem, a reforçarem, a repetirem ao largo a lettra da amorosa Poesia. E era como se de tão doce garganta d'oiro uma corrente descesse, que se alargasse até ás extremas do mundo, em línguas de Engano e espumas de Loucura.

O sentido de ouvir inteirava-lhes agora o que o da vista começára, ao terem achado dum para o outro tão vivos signaes de mysterio e profundo significado de rostos. E o moço via que os olhos do cura—como se quanto vínham lendo lhes dêsse graça de maior pureza e transparencia—se abriam em mais claro azul de transcendente lume; té que se turváram ainda polo que de accrescentado segredo topáram em sua maravilhosa cabeça adolescente, a uma nova troca de olhadas. E' que as feições do recém-vindo tomavam de caminho, com mais temerosa expressão de quebrantadora magia, mais afiadoss signaes de subtil penetração, mais avivadas linhas de oc-

culto poder. E o velho, para ainda de mór queixa de espanto se sentir achacado, observava que no hóspede, allí posto em osso e carne de homem vivo, se ia a passar mudança, como se fôra só pintado vulto a que mão invisível dêsse novo geito e côr, que ante seus olhos se transformava como se, por artes, nelle operasse invencível e estranha influencia, todos seus traços e formas tornando em aduncas e mais cortantes formas e traços, a um sombrío luzir dos olhos accendidos. Pois de verdes, que eram, esses olhos iam a dar em negrume de noite terrena, cozi-la a relámpagos. Os cabellos, de tão loira fartura, já se punham de arruivado fogo. A testa, que estes doiravam, como résteas de sol em cerro de neve, cavava-se num duro sulco, a rematar entre o ângulo dos sobrólhos, á nascença do nariz firme que ora aganchava em mais aquilina curva. E do arco da bocca as palavras partiam com silvos de flexas. Os delgados dedos, de estreitas unhas luzentes, tomavam feitío de garras longas.

E o cura, que deixára de ler ao passo que a voz do moço seguia no fio de seus versos, sentiu espirrar o lume com salgado crepitar; ao volver os olhos a re-lor, afigurou-se-lhe já ver nos brilhos da mal vidrada loiça chispas de diabólicas olhadas, mudos risos de máscaras escarninhas. Cuidou ouvir, como se da leitura do moço as três palavras subissem: *mun-do, diabo e carne*. Recuou a medo os pés, não lhes tocasse por debaixo da mêsa rachado pé de cabro; e mergulhou a ler de novo no breviário, tapando com as mãos os ouvidos, erguendo mais a voz para afoitar-se; a pontos que no curso da propria leitura afinal se deixou levar, 'té quando o moço — tendo poisado na concha da mão esquerda sua córada face de fructo novo — já cerrára de somno os verde-negros olhos. E das dobras do somno começou de erguer-se á vista interior do dormente um leve e puro sonho, que mal abria 'em flôr de sorriso o arco de sua vermelha bocca, e por todo seu rosto espalhava um clarão de graça.

Via-se tornado naquelle cura, velhinho de hibernos e moço de vontade; e sentia-se por dentro tão branco de pensamentos como neve no monte, tão simples de natureza como espoa-

do tremez, ao correr a obrigas de confêssão e viático, e ao quedar-se em demorados exames d'alma.

E todo seu exterior parecer alli mudára tanto e tão de avêssô á maligna expressão ainda mal fugida, que o cura, ao dar com semelhante transfiguração resgatadora, teve rebate de verdadeiro milagre: ante o tornado loiro desses cabellos puros e fartos, derramados em ondas d'oiro, a afogarem o braço esquerdo e a mão sobre que a fermosa cabeça se abatera dormindo; ante o descido véo de taes pálpebras, que ao travez deixavam agora adivinhar olhos só mui verdes e de um só brilho; ante a linha, firme sempre, já todavia sem cortante gume, do delgado nariz. E a vista daquella mão, da mão direita esquecida sobre o papel, ao longo da mêsa, acabava de lhe dar convencimento de conciliação e de paz; não se abria, como ha pouco ainda, em curvã garra; abandonava-se no frouxo e donairoso geito de quem fosse traçar linhas de doce sentido, ou de quem tivesse dos dedos soltado meudas e frescas flores. De todo seu ser boiando em sonho parecia nascer matinal resplendor de encanto, em que, ao mesmo tempo, a esperança se concertasse com a saudade,—como succede ao contemplar-se, a certas horas, certas vistas da Terra. Das doiradas paveias do cabello erguia se-lhe um fumo de aroma, que era como o das leiras mornas e o dos fenos orvalhados. E o cura entrou a cuidar-se cheio dum novo ar d'alma, qual se por via daquelle extranho e desconhecido mensageiro, todas as vozes do mundo—não já como diabolicas mentiras trajadas de seducção e harmonia mas sim como amigas musicas de ha tanto para elle dentro e fóra de seu peito adormecidas—de tornaça viessem a tomar-lhe a vontade e os sentidos. Lembra-lhe, súbito, todo esse tempo distante em que, dum dia a outro, se vira apartado dos peitos da natureza, desmamado de toda ventura, para fazer da existencia claustro de sonhos, e de seu vulto de vivo passageira e apagada sombra de homem morto. Lembra-lhe agora, resuscitado, o que lograra por tantos annos guardar dentro de si mesmo, a seu proprio sentir furtado e defêso. E nesse instante não temia a Vida, malgrado seu, pois a contemplava a olhos refeitos, na graça ado-

AVE-AZUL

lescente d'esse poeta adormecido, que mais parecia completa encarnação de todo o humano destino e sonho, do que só me-ro e pessoal composto de rara encantação.

Na lareira, o cepo ardia com vivo e claro lume; ao passo que os revérberos accendiam innocentes brilhos na mal vidrada loiça dos prateleiros.

Lá fóra, a tempestade amainava.

As vermelhas iniciaes do breviário aviváram-se, como se as enchesse o renascido sangue dum deus, que tivesse voltado aos saudosos sitios da Terra, que de novo houvesse tomado corpo para baixar ao meio das tentadoras lástimas do Mundo.

E enquanto o moço dormente assim se via, por obra de seu tranquillo sonho, tornado em velhinho cura, de candido e agreste viver, o velho—abertos em vigilia os olhos puros que um véo de pranto agora escurecia—enxergava longe, ao fundo da perdida juventude, e passando mui de leve,

Um branco vulto de mulher amada...

Coimbra, em 25 de Fevereiro de 1901.



De CARLOS DE MESQUITA :

Verão de S. Martinho

Ao sr. Viriato Diaz-Perez

I

DE MANHÃ

Eis-me de novo aqui. Ergo-me cedo e saio.
Revejo-vos, depois duns meses d'abandono,
Sitios que sempre amei. Tenho a illusão de maio,
Tão lesta e tão feliz é a manhã d'outomno.

Borboletas ainda ! Um encanto ! Em seguida
Ao hausto juvenil, sinto-me entristecer.
Esvoaçam no torpôr final, na despedida
Adivinho que vão pousar, para morrer.

Subo por entre matto um ingreme carreiro,
Familiar e tão caro ás minhas madrugadas,
Não vejo uma só flôr silvestre neste outeiro
E andam nelle a zumbir abelhas enganadas.

Enganadas, como eu, pelo outomnal affago . . .
Ephemera illusão, superficial doçura !
De tudo se evapora um desconsolo vago,
Que ao encanto primeiro em breve se mistura.

Emanações d'abril e maio ! Por momentos
Perpassa, como então, uma promessa nellas !
Porém olho: em logar da graça dos rebentos
Vejo o lento cair das folhas amarellas.

Quando eu de cá partí, como acordava a terra
Alvorçada, á voz da promessa illusoria !
Batia o coração, qual se clarins de guerra
Passassem, num clangor d'aventura e de gloria !

AVE-AZUL

Parecia-nos então, incuravel engano
Resurgindo das mãos mortaes da experiencia,
Que um vago não sei quê sem duvida este anno
Viria transformar toda a nossa existencia.

Sentia-se imminente o prodigio! O rasgar
Dum mysterio, o surgir dum paiz encoberto!
O' commoção divina! Os perfumes do ar
Annunciavam enfim os seus jardins, já perto !

Mas o magico luar da noute de S. João
Mais uma vez levou a bella ilha encantada!
Todos os annos isto! Ao pôr-lhe quasi a mão
Vêmo-la desmaiar, fugir, tornar-se em nada...

II

DE TARDE

Que dolorido encanto o desta primavera,
A que vae succeder daqui a nada o inverno,
O deste falso abril sem halo de chimera,
Horisonte dum verão delicioso e eterno!

Novembro. Agora já o entardecer não diz,
Da rega ao marulhar consolador e manso:
«Ainda amanhã terás o abandono feliz,
«Ainda amanhã terás o bom tempo e o remanso.»

«As preguiças da sésta has de por longos dias
«Na frescura gosar das mattas e das grutas,
«E a tua alma inundar das santas energias
«Concentradas no aroma e no sabor das fructas.»

Expira agora a tarde igualmente serena;
Mas um adeus saudoso e calmo tudo inunda...
Um oiro extranho e fulvo, uma luz que envenena
E affoga numa magua incoercivel e funda...

Oh com que rapidez fogem as estações
E a nudez substitue as flores e os renovos!
Mais um anno se irá: já se ouvem os pregões
Agudos e crueis de «reportorios novos!»

Este pregão atroz dos novos calendários,
Torturando inconsciente onde quer que se passa!
Sou o prodigo a ouvir beleguins mercenários
Pondo um retalho mais da sua herança em praça.

*
* *
*

Extemporaneo abril e tarda juventude,
Da alma e da estação moribundos esforços,
Que post-sabôr de fel na vossa beatitude,
—Fel do perdido, fel dos estercis remorsos!



De E. SANCHES DA GAMA :

ULTIMA VERBA



Quando chegar a minha extrema hora
E volte enfim ao *nada*,
E tenham de levar-me, — estrada fóra —
A' ultima morada :

E' justo e razoavel
Restituir á terra o que me deu:
P'ros restos do meu corpo miseravel,
Não quero mauzoleu !

Basta-me a sombra amiga e protectora
De uma arvore em flôr,
Que bêba, em mim, a seiva animadora,
A vida e o calor.

Que os tristes restos do meu corpo exangue
Façam desabrochar,
Ardentes flôres — vermelhas do meu sangue,
Que eu hei-de alimentar :

Que as aves venham a cantar amores,
Gorjeios e trinados...
Brotem folhas e ninhos e mil flôres,
Dos ramos encantados !

E as folhas, lentamente, no outono
Que chovam sobre mim,
Sem perturbar o meu eterno somno,
Em lagrimas sem fim...

Que, então, livre de penas
Góze da estranha paz indefinida
E as alegrias puras e serenas
Que não gozei na vida !

Por isso é razoavel
Restituir á terra o que nos deu :
P'rós restos do meu corpo miseravel,
Não quero mauzoleu!...



De GASTON FAFET:

LES RELIQUES



Dans un salon très simplement meublé aux tentures mauves, près d'une fenêtre au rideau relevé, une femme encore jeune cousait; tandis que près d'elle un enfant aux cheveux bouclés, alignait symétriquement sur le parquet des soldats de plomb.

Il dressait des lignes droites, formant aussi des croissants ou des colonnes par quatre et cet assouplissement faisait souffler et crier le petit-homme.

La femme vêtue de deuil s'arrêta un moment de coudre et regardant le tapageur lui dit:

—Mon Jacquot, ne fait pas autant de bruit... car je souffre.

—Qu'as-tu donc petite mère? demanda l'enfant en se retournant.

—Viens auprès de moi, je vais te le dire.

Agile comme un chevreau, en deux bonds, le petit Jacques s'installa sur les genoux de sa mère.

—Me voilà! dit-il... que vas-tu me conter? Pourquoi es-tu triste?

—Je ne suis jamais gaie d'habitude, mais aujourd'hui c'est l'anniversaire de la mort de ton père et tu comprends, mon chéri... ma tristesse s'accroît en me rappelant sa perte.

—Ah! c'est donc pour cela que je ne suis point comme les autres garçons: eux ont tous un papa, mais moi je n'ai jamais vu le mien.

—Lui non plus ne t'a jamais connu.

—Mais de quoi est-il mort mon papa chéri? Que faisait-il?

—Ton bon père était capitaine de cuirassiers et pendant la terrible guerre il est resté au milieu de ses hommes là-bas dans une charge. Le jour où j'appris sa mort tes cris saluaient le monde. Alors, mon fils, au lieu de recevoir les baisers de tes parents réunis, sur tes joues roses seules, mes larmes ont coulé.

Dans une tendre cajolerie, l'enfant se blottit sur le sein de sa mère et ses cheveux fins comme du duvet caressèrent la figure de celle qui, dans un profond amour du disparu, en élevait dignement le fruit.

—Il y a longtemps que tu pleures... dit, bonne mère?

—Sept ans... c'est ton âge.

Attendri, passant ses menottes autour du cou de celle qui lui avait donné le jour, Jacques laissa tomber des pleurs.

—Alors, je ne verrai jamais mon papa? demanda-t-il larmoyant.

—Non mon enfant, car il est au Ciel... mais je vais te montrer quelque chose qui te touchera sûrement... j'espère.

Quittant le salon et les soldats de plomb tous couchés sur le parquet, la mère entraîna le fils dans un couloir.

Elle ouvrit une porte.

—Cette pièce était le cabinet de ton père; il est tel que le jour où il est parti, à part ceci qui m'a été rendu après sa fin glorieuse. Et tirant un voile noir de dessus un guéridon, une cuirasse, un casque et un sabre apparurent.—Ces trois choses sont de ton père. Regarde, mon fils!... ces éraflures, ces sillons à demi creusés sur la cuirasse. Regarde le casque! Comme il est troué, bosselé, aplati. Vois! les traces de sang et les cheveux adhérents encore à la coiffe.

Vois! la crinière toute salie, chiffonnée, poussiéreuse.

Vois aussi le sabre! à la lame brisée, tordue, à la coquille rentrée, au pommeau dévié.

Pense, mon enfant! Combien ton pauvre père a dû faire d'efforts et déployer d'énergie pour recevoir les nombreuses blessures dont tout ceci fait d'acier et de cuivre recèlent les traces.

L'enfant fixait les objets, sa bouche ouverte ne rendit aucun son; surpris, profondément étonné, ravi, Jacques essayait de comprendre.

Pourtant ses petites mains voulurent peser la lourde enveloppe de fer, ses doigts entrèrent dans les trous du casque perforé par les balles, démêlèrent la crinière, redressèrent l'aigrette.

Il prit aussi le sabre, l'ajusta de ses deux mains et s'écria :
— Je suis encore trop petit.

— Trop petit... pourquoi ?

— Oui, mère chérie, car je veux aussi le porter et pour le moment il est plus grand que moi.

Les témoins muets des charges fameuses dignes soeurs de Waterloo, de l'hécatombe sans pareille, du tombeau irradié de gloire, furent réunis en place; le voile les recouvrit à nouveau, et comme à regret très émus la mère et l'enfant se retirèrent.

L'aiguille fut reprise, de son côté Jacques redressa ses soldats, s'emballant, nerveux, dans une colère enfantine criant tout bas : — En avant... marche !

A mesure qu'il grandissait, de fréquentes visites dans le cabinet où les études de l'officier, des tableaux militaires, des livres rappelant nos actions lumineuses développèrent chez l'adolescent les facultés qu'il tenait de sa race.

Aussi le jour où Jacques pénétra dans l'école de cavalerie, il se souvint et écrivit la lettre suivante :

« Mère chérie : J'avais sept ans quand tu me fis voir pour la première fois l'armure de mon père. Aujourd'hui à mon tour je porte une cuirasse, un casque, un sabre, des bottes éperonnées. Je vais devenir comme lui et, si un jour la Patrie exige ma vie... crois moi, je ne fléchirai pas, je le jure sur mon père tombé à Morsbronn, car c'est là qu'il est mort, je l'ai vu sur le livre d'or du Régiment.

« Je serai toujours le premier au milieu de la mitraille, je te le promets, ô ma mère, car ayant donné ta main à un brave, il faut pour le souvenir de lui et pour ton honneur à toi que je le devienne aussi.

... Après cette lecture, quittant le salon où elle y avait passé sa jeunesse, la pauvre femme pénétra dans le cabinet de travail, puis, découvrant la petite table, comme devant un autel elle s'agenouilla.

Une pendule seule de son tic-tac régulier troublait le silence funèbre de la pièce et la marche des pensées.

Longtemps la veuve médita, elle revoyait le foyer au temps où il était gai, elle récapitulait les souhaits de bonheur qu'elle

et son mari faisaient sur la tête de l'enfant qui allait naître de leur amour. Hélas ! Elle percevait encore dans l'oreille, la trompette qui sonna le boute selle, puis le piaffement des chevaux... et soudain le galop dans un nuage de poussière.

La colonne était partie brillante et belliqueuse; avec elle avait disparu la joie. Dans son sein la future mère sentit se révolter contre le sort celui qui vingt ans plus tard devait aussi porter l'uniforme.

Le malheur s'était abattu, alors dans les jours d'angoisses qui lui succédèrent, tristement devant le guéridon la veuve vint puiser du courage, chercher des consolations.

Et ce jour-là comme elle l'eut fait sur les os d'un saint, elle baisa la cuirasse, le casque et la poignée du sabre de son époux.

Les rides de son front s'éclipsèrent.

Heureuse un instant sous la grandeur du nouveau sacrifice qu'elle faisait, en offrant le fruit de ses entrailles à la Grande Mère, ... la vaillante femme les prenant à témoins, s'inclina encore devant les reliques et dit tout bas : — En mon âme et conscience, j'ai fait mon devoir.

Pour elle... c'était toute sa gloire.

Beauvais—France.



PREGHIERA

(MENTRE MIO FIGLIO DORME)

—dal portoghese di Beatriz Pinheiro—



—Cadan dal cielo dolci, pietose
Consolazioni pie, religiose!
—Dalle tue mani, Vergin di speranza!
Piovan grazie in un' Iri d'alleanza:
—Siccome dalla luna,—ostia d'errante
Sogno —il chiaro splendor divinizzante...
—All' estase del ciel, tutto fiorito,
Lungi il mare non muovesi,—stupito!
—Tremar d'amore i gigli per la brezza,
Tutto l'aër vestendo di pureza!...
—Tremar sul gambo, pallidi d'amore,
Sotto i ciel di soavissimo splendore! .
—E nella pace degli eteri nidi
I passerì sospiran dolci e fidi!
—La brezza olisce tiepida, amorosa
Sospire d'angelo che fiorisca in rosa!
—Va la brezza pel cielo trasparente
come petal di rosa mollemente.
—Olezza e si distende all' aria d'onde
L'alma gemella alla nostra risponde!
—Soffio, Fluido, Luce... Fuggitie
Fiamme, ondeggiare al fiume d'armonie,
—In quegli argenti silenzi profondi
In cui, sonnambuli, giacciono i mondi...
—Lascinsi udir sulla terra addormenta
Le musiche del sogno d'Oltre Vita:
—Invisibili torbe, risuonate
Per man del fluido, spiritualizzate...
—Luce dal ciel scenda alla terra oscura!
Luce da l'alma,—all'alma a prestar cura!

—Luce, che all'alma sol sei visibile:
 Piacevole, armoniosa:—indefinibile!
 —Come d'un sol che in cigno si mutasse,
 Dalla voce di miel quando cantasse!
 —Luce, che sol nel ver sei luce... é priva
 D'un nome la parola a darti, o diva!
 —Trascendentale, mistica, ambrosiaca,
 Astrale, eterea, spirituale, isiaca!
 —E tu, Angel Protettor, che ve' da l'alto
 Dormir mio figlio senza soprassalto,
 —Un sonno in cui sol l'angelo presieda
 Dal mondo donde il vedi egli ti veda ..
 —Poni tra lui e il Mal, s'io m'allontano,
 L'ala tua di luce a talismano:
 —Fa le mie veci: fagli tu da padre:
 E il dí ch'io mancherò, siagli... madre!
 —Fa della vita sua un sentier pio
 Verso te, verso il sogno, verso Dio!...

Traduzione italiana di A. MARI



De JOAO CORREIA D'OLIVEIRA:

A SUPPLICA

(Do «Sonho Antigo», novella)

.....
«Maria, Maria! perdôa-me!...»

«N'esta noite, olhando da minha janella a infinita escuridão dos ares, onde o ceu tombava n'um choro d'estrellas como que a tristeza resignada e doce d'almas de santos a soffrerem lá dentro uma grande dôr desconhecida, que não é esta dôr terrena e venenosa dos homens, não sei o quê que d'essa dôr divina e alta traduzida em astros me veio, que por ella fui norteando o meu scismar.

«E scismeï no mal que te fiz; e descobri que era minha, só minha a culpa. Só eu o mau, o sem-razão, o que se deixou enlouquecer e, louco, viu a sombra onde só ardia a luz que por suas mãos apagou e d'ahi sem bem o saber para sempre escureceu a vida.

«Fiz-te soffrer, e, n'esse momento de desvario, deram-me alegria as dores que te causei. Mas agora que a loucura se foi, soffro, soffro como ninguem, ao sentir que fui a origem d'essas lagrimas que os teus lindos olhos andam fartos de chorar... E tremo, por temer que n'essas lagrimas se vá apagar a luz, que era a unica luz a alumiar-me por esta vereda fóra... E tremo, por temer que a tua alma vá morrer, de envenada pelo desgosto que lhe dei...

«Se tu soubesses o que custa a soffrer a dor das dores que causamos!... E' bem mais custoso, até, que sentir as dores que os outros nos fazem ..

«Maria, Maria! na verdade fui mau, mau como um demônio. Agora o sinto, e agora, de bem o sentir, chego até a ter medo de mim mesmo, e vergonha de ter tido em mim uma alma tão má, e vergonha da minha bocca ter dito as feias palavras que te disse!...

«Quantas noites, ó santinha torturada !, não terão teus olhos deixado de dormir, para chorarem, scismando em mim — o diabo que te torturou... scismando no mal que te fiz, no desamor que te mostrei, quando só amor havia jurado?... Quantas!...

«E quantas vezes me não terás odiado, quantas não te haverás arrependido de creres nas minhas palavras desmentidas, no embuste das minhas promessas, na cilada dos meus afagos e protestos enganosos?...

«Quantas? O meu coração advinha-o; e, por advinhá-lo soffro, soffro como nunca, por que presinto fugir-me o unico bem que tinha de meu, a India d'esse Sonho que foi meu e assim perdi, e tanto me custou a ganhar...

«Nunca, nunca mais, voltará a mim o amor que me tornava alegre, a Graça do teu amor!...

«Diz'-me: Para ti nada sou do que mostrei ser. Crês-me mau, crês-me mentiroso, perjuro, não é verdade?

«Teus doces olhos amigos d'outros tempos, só veem agora em mim o que te offendeu, o que te enganou, a causa da tua desolação; aquelle que fadou teus olhos á sina das lagrimas e te prendeu a vida ao fado das tristezas? E queres-lhe mal, Maria? Mal como á mão que não agradece a esmola ..

«Ah! se assim é, nunca mais volverei a ser o teu amor, o teu amigo, o teu João; aquelle que ria com as tuas alegrias e era venturoso por ver olhos com os seus a chorarem as mesmas tristezas...

«Se fôr bater á porta que reneguei, a porta não se abrirá, eu sei-o! porque não sube agradecer o gasalhado que me deram!...

«Porque aquelle em quem crias, e nas mãos de quem pozeste a vida, se tornou desmerecedor da tua crença, e quebrou o cofre d'oiro que lhe confiaste, e o deitou, esmigalhado, ao mar do pranto que o ha-de sorver.

«Aquelle namorado d'olhos leaes e humildes, sob as tuas mãos mansinho como o cordeiro sob as de Deus, aquella alma ingenua e amovel de creança... aquelle que te beijava as mãos como é costume beijarem-se a dás santas das

capellas; aquelle que ante ti rezava e não fallava; aquelle moço cansado da vida, da labuta, que procurava o teu regaço para dormir a sestinha d'outra vida toda de sonho, e no teu regaço punha a cabeça como sobre azas, e erguia para ti as mãos sempre a jurar amor e a agradecer a esmola... esse nunca mais te lembrará — e sete lembrar é para o creres peor, por que maior se torna a fealdade da mentira.

«E' luz que fica apagada por detraz da sombra. Da sombra d'essa noite maldita, em que o Senhor se esqueceu, e o Diabo me tomou e me arrastou...

«Essa noite, tenho-a cá dentro, com todo o seu horror e cada uma das suas estrellas, feita punhal, e cada um dos teus lamentos a apertar-se, a apertar-se, como corda d'uma forca, a forca do remorso!

«Ah! nunca mais!... Nunca mais... E como sê'lo, se por meu mal, só mostrei, com fingido desamor d'um instante, ser verdade falseada o louco amor jurado!...

«Mas como hei-de eu arrastar esta cruz, como hei-de arrastal-a só?... Calvario d'esta vida, alto Calvario, como hei-de eu subil-o, só?

«Que escuro! que negro o caminho d'esta vida! Ai eu tenho medo d'andal-o, só! Que feia a noite em que caminho, que fria! tenha medo de gelar sem o calor das tuas azas!

«Para onde vou, para onde caminho? D'onde venho, para onde vou?

«Sei que a madrugada me fica para traz; sei que gela a noite em que me perco...

«Não vejo o riso allumiador da tua boca, o aceno das tuas mãos!... E acovardo-me...

«Como um louco, ou um cego que tacteia, ando em cata do bem que perdi...

«Ai! grande doido que fui!

«Como pude imaginar-me com forças para viver sem ti; se sem ti a vida é tão custosa de vencer! Como pôde mentir assim a seu proprio dono, um coração?

«E como me sinto agora serenado, como a paz e a luz se fez em mim, e a razão se esclareceu... como de novo meus joelhos se curvam ao ter-te em gloria no pensamento, debalde pergunto aos meus sentidos, aonde fui ganhar essa coragem para pôr em dorrocada o castello d'oiro que annos de vida consumi a erguer, a erguer, e d'alto ia já a topar os céus?!... Pois se toda junta em nuvem, a dor das creaturas, não egualará a esta de chorar sobre as ruínas do que as nossas mãos se cansaram a erguer, e n'um instante derrubaram!

«Sim... D'onde, d'onde me veio, essa desapiedade com que te maguei; a crueza para offender-te tanto?.. D'onde me veio esse riso de diabo, essa labarêda d'inferno que tinha n'alma e nos labios, ao ver tua amargura?...

«Como me fiz pedra, e me não condoi dos teus rogos e queixumes, quando, até ahí, para callar um teu soluço, de bôamente faria no meu corpo a chaga d'um ferro em braza?

«O que me levaria a maltractar-te como qualquer vilão; e ser tão de villania o abandono em que te deixei?

«D'onde me veio essa cegueira; a negra desconfiança do teu amor, para só ver o mal no bem que fazias e nunca perceber o bem por paga ao mal que te fizesse?

«Foi a loucura, o desvario d'esse amor em febre?

«Foi o veneno, o alcool do ciume?

«Foi a Confusão, por castigo, d'aquelles que quizeram erguer uma torre aos ceus?...

«Eu sei... eu sei lá!

«Sei que tenho os olhos fartos de chorar; sei que tinha no peito uma rocha, e lhe tocou a varinha de Moysés - que me sinto outra vez bom, todo coração, senhor do meu coração perdido, para soffrer, e ganhar o bem das lagrimas — porque te amo como nunca!

«Maria, Maria!... Perdôa-me!

«Vê como não treme este braço ao pedir da esmola... E' o Senhor, dentro de mim, que o sustem!

AVE-AZUL

.. Mas ... Mas poderás, quererás perdoar a quem tamanha culpa tem? ... Causar, com a absolvição da culpa, o bem de quem tão mesquinamente pagou o bem já feito? ...

«Faz-se-me a alma negra como a noite, e aperta-se-me o coração!

«Tenho saudades d'esses tempos em que os meus braços te abraçavam; em que era meu todo o riso dos teus lábios, e a dor das minhas lágrimas por ambos quinhoadas!

«Dias de sol! Dias de sol! ai que feia e negra é esta noite em que caminho! ...

«Fogo de lar, para que te apaguei, se cá fóra á nortada, o frio retalha? ...

«Meus bens, meus haveres, — para que vos esbanjei, se custa tanto esta pobreza, se custa os olhos da cara, esta vergonha de mendigar? ...

«Ah! eu sou o que soffre, por castigo, as penas de que foi origem... O pastor que para longe apedrejou o seu rebanho, e depois, em vão, o procure no escuro immenso das serras...

«Sou o que deitou as alegrias a fugir; o que lhes desprendeu as azas para o vôo; e, agora, pés em sangue pelo pedregulho, se deite a correr em cata d'ellas...

«Sou o que geme saudades d'um bem perdido; e a si deve a culpa de perdê-lo...

«Sou o que a si mesmo fez o mal, o que se castiga com as próprias lágrimas... — sou o que soluça, o que pede misericórdia... e só agora sabe quão grande era amor com que brincou...

«...Maria!... Maria! perdôa-me...

.....

O vento e a chuva, lá fóra no escuro dos espaços, assustava. Tinha um tragico ranger de dentes aquella tempestade d'asalto.

De longe, a correr e a rosar, a ameaça d'um trovão; e

a lingua azul e phosforenta dos relampagos, era tragica a lam-ber toda a paisagem, apavorada e negra... Nos vidros da ja-nella, uma arvore, batia com os braços.

O rapaz teve para *aquillo* um olhar de idiotice e de medo.

Depois, n'um cansaço, deixou cahir a cabeça sobre a ban-ca; e os labios ficaram collados ao nome d'ella, n'um beijo mudo.

D'ahi a pedaço, chorava como uma creança!...

Dentro do abat-jour do candieiro então rondando a ago-nia da luz, uma borboleta escura girava; — e a sua sombra punha azas negras d'agouro na brancura do papel...

S. Pedro do Sul, 1899.



De ALVARO D'ALBUQUERQUE

O primeiro ninho

Ao Carlos de Lemos, — para lêr ao Ruy



.....
Ella nunca foi mãe: elle, sem experiencia.
Escolheram então os dois de preferencia
 Aquelle sitio frio;
Mas vinha ahi o v'rão tornal-o mais soalheiro,
E foram construir o ninho n'um salgueiro
 Que dava sobre o rio.

Estavamos em maio. Os dias muito amenos:
Os prados eram já de rosas e de fenos
 Batidos pela aragem.
Na ignorancia feliz de tudo quanto existe,
Os pastores boçaes d'aspecto ingenuo e triste
 E os gados na pastagem.

Zumbindo uma canção, as loiras abelhinhas
Iam todas pousar nos pampanos das vinhas
 E nos jardins em flôr.
Bondosos animaes, os grandes bois pacientes,
Arroteavam a terra aos brados prepotentes
 Do rude lavrador.

* *
*

Algun tempo depois n'esse ditoso *Lar*
Tinha o lindo casal tres filhos para amar.
 Durante a primavera,
Cantava o rouxinol, — noctambulo galante,
Ao ver surgir da Lua ao longe no Levante
 A luminosa esphera.

Corriam-lhes assim as horas bem suaves,
A verem deslizar monotonas e graves
 As aguas crystallinas.
E lá de vez em quando uns melros tagarellas
Vinhão cumprimentar as novas philomelas,
 As aves pequeninas.

E enquanto a mãe velava a fim de protegê-los
O pae sempre a cantar! Fazia gosto vel-los
 Alli extasiados!
Elle, cantando uma canção maviosa,
Ella, a esposa gentil e boa e carinhosa...
 Cercando-os de cuidados.

* *
*

.....
Se não houvesse Dôr, a Vida era um encanto:
Sem maguas, sem pesar, sem lagrimas, sem pranto...
 Peccado original:
Foste tu que nos deste o soffrimento, a morte...
E eu tenho muito medo aos repêlões da sorte,
 Implacavel... fatal!...

Nunca pude gostar das grandes calmarias,
Tardões sem viração, de bonançosos dias:
 Talvez porque receio
Que venham horas más apoz essa bonança,
Sem que eu veja sequer um arco d'alliança
 Da tempestade em meio.

* *
*

.....
Uma vez, pae e mãe, ligeiros como o vento,
Partiram ares fóra em busca d'alimento:
 E n'isto, como um raio,

AVE-AZUL

Passou n'aquelle sitio o vendaval medonho !
— Quem poderia prevel-o ? !... Um tempo tão risonho !
E o dia era de maio !...

A tormenta cessou : das margens entre fraguas
Viram-se então boiar levados pelas aguas
Dentro do proprio ninho,
Os pobres rouxinoes ! e tristes e chorosos...
Inda á espera dos paes que vinham pressurosos
De volta, no caminho.

Estes, chegando tarde, á hora do sol-pôr,
Comprehenderam bem tudo !... e tranzidos de dôr,
Amaldiçoando o mundo allucinadamente,
Fitaram-se chorando !... e do salgueiro esguio,
Deixaram-se cahir inertes sobre o rio
Para serem tambem levados na corrente !



Væ soli!



Pegou de sobre o regaço no pequenino vestido de setim branco, resplandecente com o brilho das perolas e das lantejoilas, e foi pousa-lo muito ao de leve, levando-o erguido na ponta dos dedos, ao fundo da sala, no largo canapé de palhinha. Depois, com infinitos cuidados, ageitou-lhe ao pé a corôa de rosas, as meinhas ingenuamente bordadas, as duas azas de arminho immaculadas e radiantes e os sapatitos brancos, uns deliciosos sapatitos de setim branco que eram como duas flores, ou então como duas azas, muito pequeninos e muito leves, impacientes também de voar, como ellas.

E sorria, sorria com os labios e com os olhos, evocando a figurita gentil da Maria da Graça,—a sua linda Maria da Graça!—quando ao outro dia, assim vestida, seguisse na procissão, entre os outros anjos por certo menos formosos do que ella.

Em pé, o busto moldava-se-lhe desafoadamente na blusa d'um azul muito escuro, severo mesmo sobre a saia preta sem um enfeite, apenas alegrada na alvura immaculada do collarinho voltado, no cinto de couro branco com fechos de prata. Usava os cabellos ao alto, lisos, virgens de todo o artificio. As sombras eram quasi castanhos; mas ao sol aqueciam, brilhavam, tornavam-se d'um loiro resplandecente e glorioso d'aureola. O rosto de linhas puras, d'uma suave pallidez de flôr estiolada, banhava-se na luz dorida de dois grandes olhos melancolicos. E ninguem, ao certo, poderia dizer bem a côr d'esses esplendidos olhos dolorosos: parecendo que a iris tinha o poder, conforme o sentir interior do espirito, de alternadamente absorver e reflectir os diversos raios da luz. A bocca fechava-se numa desillusão socegada, resignada, em harmonia com a luz soffredora dos olhos tristes, cheios de apasiguamento e de calma; e só a ruga da testa estreita, nascendo quasi a baixo da raiz do cabello e vindo morrer desvanecida entre os sobrolhos quasi unidos, punha uma nota de inquietação e des-

AVE-AZUL

assocego calado na dôr acceite e soffrida d'aquelle bello rosto desolado.

O meio dia enchia tudo lá fóra de luz e de calma; mas ali, na grande sala aberta ao poente, a luz era menos crua e a frescura entrava, perfumada e verde, pelas duas altas janellas amplamente abertas.

Afastara-se alguns passos do canapé para ver o effeito de longe, e continuava sempre a sorrir com a mesma expressão enternecedora.

Uma borboleta branca veio de fóra poisar-lhe no vestidinho e depois na ponta d'uma das azas, agitando muito as lindas antenas doiradas. Em seguida, descrevendo circulos concentricos cada vez mais apertados, foi-se approximando d'ella até lhe poisar no fato e no cabello repetidas vezes. Não fez caso a principio: mas depois, impressionada pela insistência, tentou afastal-a, estendeu a mão para a agarrar, acabando afinal por sorrir pallidamente um sorriso desbotado e murcho, ao pensamento de que aquelle insecto pequenino era para muita gente um portador de esperanças, um mensageiro que na sua linda côr branca vinha annunciar a boa nova desejada.

E lembrando-se de que faltava uma fita no fato do seu anjinho, foi buscal-a a um velho contador de pau preto, encostado a uma das paredes lateraes. Abriu uma gaveta cheia de fitas, de rendas, de bocados de seda de tolas as cores. Viu tudo, correu as fitas uma por uma, e abriu por fim a caixinha de setim vermelho encostada ao fundo da gaveta, cheia, essa, de fitas e de rendas preciosas. Mas ahi os seus dedos toparam em qualquer coisa resistente, e de envolta com as rendas e com as fitas cahidas para fóra tombou tambem um pedaço de cartão, um pequeno retrato antigo, representando um homem moço e sympathico, d'olhos grandes e leaes.

As mãos d'ella tremeram levemente pegando no retrato em que os olhos mal se puseram, doloridos; mas, como se nada fóra, voltou a collocar-o entre as rendas e as fitas, na caixa agora fechada e tornada a encostar ao fundo da gaveta. Alguma coisa de singular, porem, e de inquietante, parecia ter-se espalhado no ar, parecia evolgar-se ainda mysteriosamente

do fundo da pequenina caixa fechada; que, distraídos a pouco e pouco, os dedos d'ella, esquecidos agora, mal já tocavam nas coisas, e os olhos, os grandes olhos banhados numa luz maguada, esmoreciam, velavam-se, paravam, como que chamados a outra visão, a uma dolorosa visão toda interior que a alma guardava lá dentro, vinda d'um passado muito longínquo e muito saudoso.

Appoiou o cotovello ao rebordo da gaveta e a face á mão, e assim esteve até que o braço que ficara livre, cahido ao longo do corpo, numa lentidão arrastada de movimentos, machinalmente mas irresistivelmente, foi tirar da caixa o apagado retrato alliciente, enfeitiçante...

Por largo tempo, fitos nelle, os seus olhos se ficaram assim, com aquella mesma expressão de antes: vagos, absortos, parados: emquanto de redor, num claustro de silencio os sonhos mortos se erguiam, e as lagrimas já estanques borbulhavam, e todo o passado lá de muito longe para ella vinha numa evocação. E nesse fluido penetrante de saudades inconsolaveis, leve e subtil como o pensamento d'onde vinha, toda a ronda das imagens desaparecidas adejou, fluctuou, passou deante dos seus olhos outra vez, á vista d'esse retrato de homem moço e sympathico que os seus dedos sem querer havia pouco tinham tocado...

Creara-se em casa d'elle, com a mãe d'elle, que fôra a sua mãe tambem, em substituição da que lhe morrera ainda pequenina de collo. Eram de ambos os mesmos brinquedos, os mesmos livros; ambos juntos passeavam, ambos juntos estudavam tambem. Quando veio a adolescencia, amavam-se já, castamente, ingenuamente, sem ser preciso aos labios dizel-o, sem precisarem de o dizer a si proprios na intimidade do seu proprio coração. Plena harmonia de gostos e de sentimentos, de vontades e de aspirações; bellos os seus corpos e adoraveis as suas almas; que muito que os seus labios se procurassem para esses beijos castos, e tão doces! dados ao de leve sobre os cabellos, sobre os olhos, sobre as faces. E, já de dezaseis an-

nos ambos, ainda elles gostavam de brincar como duas creanças no jardim, em largas correrias doidas, ora jogando as escondidas ora caçando borboletas, numa aleluia de risos rubros como os labios d'onde esbronchavam cascatantes. Mas por vezes, e sobretudo ao cahir do dia, quando o sol morria ao longe e o campanario acordava o azul religioso d'essa hora na vibração lenta e saudosa do Angelus, do que elles mais gostavam era de se calarem um ao pé do outro, dedeixarem erguer entre os dois um d'esses silencios impressionantes, cheios d'uma grave melancholia suavissima, e então, nas azas d'esse silencio as almas libertas sentirem-se unir, estreitar, beijar, fundir deliciosamente, harmoniosamente uma na outra.

Completo os dezenove annos, tractou o pae de lhe arranjar a elle um logar em Lisboa numa casa commercial, para o que recebera a instrucção adequada. Não queria bachareis : inçado de bachareis estava o paiz e estava o mundo : não havia para se viver bem e para fazer fortuna como o commercio, o bello do alto commercio, já se vê. E na sua volta de Lisboa, com a certeza d'um logar para o filho d'ahi a mezes, trouxera elle a sobrinha, uma sua irmã que ella mal tinha visto umas tres vezes, sempre em Lisboa com a avó desde que fôra a morte da mãe.

Ahi lhe vinha ella agora, uma mulher feita, e bonita, d'uma belleza admiravelmente sublinhada pelos artificios d'um sabio coquetismo, por uma estranha graça provocante que subia á cabeça como vinho, estonteando e subjugando irresistivelmente.

Mas nada d'isto ella viu a principio, arrastada, como os outros, na atmospherá alliciante de que a tentadora se cercava ; depois é que soube o que queria dizer tudo isso que então não comprehendia, e que nada explicava nem justificava nelle, — esses olhos timidos erguidos para os seus tanta vez, essas mudanças de côr sem causa apparente, subitamente, quando a via ou mesmo no deccorrer d'uma conversa, as horas e horas constrangidas levadas num mutismo sombrio, intransigente, quasi doloroso.

Foi uma vez, ao entrar numa salla que julgava sem ninguém, que os viu, de pé no espaço entre as duas janellas,

muito juntos, o braço d'elle, nervoso, apertando-a pela cinta violentamente, os labios de ambos misturados num beijo que parecia levar-lhes toda a respiração, fundo, longo, parado.

Ficou aturdida a olhar, a olhar para elles sem comprehender, sem ter a mais leve ideia. Mas na impressão vaga de ter surprehendido qualquer coisa que não era para os seus olhos, recuou, ao passo que, simultaneamente, uma sensação inexplicavel de frieza, de dureza, subia no seu peito aprumando-a numa seccura rigida, a que os dedos hirtos corresponderam automaticamente atirando com a porta numa pancada violenta, irritante. A travessia d'ahi para o seu quarto, nunca poude lembrar-se como a fizera, sabendo só, agora ainda, depois de tantos annos decorridos, das lagrimas infinitas lá choradas então, da indizível amargura d'essas lagrimas infinitas que lhe escorriam dos olhos em fio, sem nada haver que as estancasse, inextinguíveis, sempre ardentes, sempre vivas. E depois, horas volvidas, deitada na cama, a cabeça fincada sobre o travesseiro, sentindo-a cada vez mais lucida á medida que a prostração do corpo redobrava, na desolação irremediavel do abandono comprehendido, a sua pobre carne adormecida na candura ingenua d'uns amores de creança acordou então dolorosa e irreprimivel, á visão d'esse beijo a que não podia fugir, obsessionante, sentindo-o em toda a parte, fóra de si e dentro de si, no seu proprio cerebro a escaldar.

Oh! esse beijo! nunca elle a beijara assim, nunca, nem mesmo nos raros momentos em que a effusão fora maior. Nunca ella sonhara mesmo beijos assim, que parecia arrancarem a vida do peito, deliciosos e torturantes beijos. Esses que ella provara, castos e ingenuos, que mal affloravam a carne como um leve sopro, esses o que eram em face d'aquelle, decisivo e supremo, que surprehendera entre os dois?!

E vinha-lhe vergonha, quasi raiva por elles, por esses beijos de creança em que se sentia tão cruelmente humilhada. Preferira-lhe a outra. . . Porquê? Talvez porque ella tinha a sciencia d'elles, dos beijos calados, mysteriosos, de que lhe inoculava, a elle, a sêde violenta? E, a pouco e pouco, tambem o desejo a ganhava, impetuoso e torturante, de beijos assim,

das sensações desconhecidas entrevistas naquelle beijo, para além d'aquelle beijo imaginadas, adivinhadas...

Depois d'uns breves momentos dormidos sobre a madrugada acordou cheia de febre, o peito soerguido numa ancia inexplicavel, a garganta tomada d'um nó que a não deixava respirar, seccos os labios, a cabeça á roda, numa tontura. Tinha sonhado com elle, que os labios d'elle a procuravam para um beijo assim, que esse beijo se lhe estendia a todo o corpo, se lhe multiplicava por todo o corpo, sem fim, sem treguas, delicioso, doloroso. Vestiu-se á pressa e sahiu para fóra, para o jardim, horrorizada, a encher-se de ar e de luz. Mas pouco socegou: a sua pobre carne conservava sempre a mesma sobreexcitação: um nada bastava para agital-a, para fazel-a vibrar. Passava o dedo pelo tronco liso d'uma arvore, e um arripio fundo lhe corria dos pés á cabeça, doloroso; uma folha secca batia-lhe no pescoço, ao de leve, e a garganta entumecia, o coração alvoroçava-se, os labios ardiam numa tremura singular.

Durante algum tempo os seus dias, e principalmente as suas noites, foram assim, como aquelle dia e como aquella noite. Sem força para lutar contra o mal extranho que mais a ganhava á medida que o tempo passava, acabou por fugir de todos—por fugir sobre tudo d'elles, no receio de que a adivinhassem, envergonhada, cheia de tedio e de desprezo por aquillo,—por aquelle protesto dolorido da sua pobre carne insubmissa, que a humilhava, que, no seu conceito, a collocava ainda muito abaixo d'elles. E, simulando não comprehender, evitava os olhos d'elle, confusos, parecendo, em certos momentos, pedirem-lhe perdão d'uma grande culpa. Quanto mais profundamente se sentia soffrer, quanto mais agitadas eram as suas horas, mais desvariada e febril a tortura dos seus sonhos, tanto mais se aprumava na intransigencia altiva d'uma indiferença desdenhosa, que mascarava aquella tão grande fraqueza do seu corpo miseravel.

Foi assim que ouviu fallar no casamento d'elles, que assistiu ao casamento d'elles, imperturbavel, sem se trahir um momento; só lá de noite, pelas horas mortas da noite, a tremer

de febre na cama, não podendo chorar, não podendo gritar, se sentiu tranquillada de repente, parecendo-lhe que ia morrer, num esvaimento suave de todo o juízo, de toda a sensação.

Mas era só uma síncope, ligeira. Elles tinham partido para a costumada viagem de nupcias; d'ahi seguiriam para Lisboa, onde a irmã gostava de viver e onde elle tinha, no commercio, o lugar que o pae lhe arranjava. Ficava mais livre para soffrer; para esquecer, se pudesse. Mas d'ahi por oito dias cahia de cama com uma febre cerebral que a teve longo tempo em serio risco de morte. Acordou d'ella com a carne mais tranquillada e os nervos mais equilibrados. A alma soffria sempre como d'antes, mas o corpo, na debilidade que o avassalava, parecia adormecido; e socegara.

A' noticia d'uma visita dos noivos, ainda antes da instalação em Lisboa, alarmou-se-lhe, porem, a sua fraqueza: teve medo d'elles—dos beijos, dos apertos de mão, dos pequeninos segredos trocados ao ouvido, de tudo isso que ella havia de ver, que ella, sem querer, havia de surprehender entre os dois.

E, aproveitando o primeiro pretexto que lhe lembrou, a saude, que se lhe restabeleceria mais facilmente na casa que fôra dos paes, rodeada de campos e dominada por largos horizontes, para lá foi apressadamente, com uma parenta velha e pobre, muito beata, que partilhava o seu tempo entre os padres e uma numerosa familia de gatos, por ella considerados e amados como coisa muito sua, e a quem, nobremente, dava não só o conchego da sua cama, mas, tambem, o melhor da sua mesa, que era, ainda assim, muito modesta.

Fôra passando o tempo. O corpo melhorava sempre, mas a desolação da alma crescia infinitamente, banhando-lhe os olhos de melancolia, fechando-lhe a bocca numa resignação dolorida, espalhando-lhe no rosto aquella pallidez suave de flôr estiolada, como de planta ferida que, sem ninguem suspeitar, deixasse, lentamente, gotta a gotta, escorrer a seiva...

Julgando suffocar uns restos ainda de mocidade, tinha pensado em casar-se; com esse proposito attentara seriamente nos dois rapazes mais grados da villa que lhe faziam a côr-

te : o medico e o filho do escrivão. Mas quando um d'elles, o medico, uma vez num passeio lhe fallara d'amor, do seu amor por ella, acabando, animado pelo silencio e pela quasi acquiescencia que lhe sentia, por lhe tomar a mão e beijar-lh'a, ella, na visão subita d'esse beijo longinquo que tanto a fizera soffrer, teve a sensação clara, precisa, real d'um beijo assim dado nos seus labios pelos labios d'esse homem que lhe fallava; e, sem saber porquê, sem poder explicar porquê, um arripio a correu toda dos pés á cabeça, — de repugnancia, de invencivel nojo por elle.

Estava acabado : não era unicamente a sua alma que pertencia ao outro ; tambem o corpo que elle desdenhara se recusava assim por aquella forma a ser de mais ninguém.

Começara então, levada pela parenta, a ir muito á egreja, a ler livros misticos, a ir mesmo passar uma temporada num convento que havia ali perto. Mas sahio de lá decorrido um mez, desanimada. Com grande desgosto seu e da beata não pudera habituar se a nada d'aquillo : as resas continuas aborreciam-na e enervavam-na ; o Christo pregado na cruz fazia-lhe medo no escuro da cella ; o silencio dos extensos corredores desertos, enchia-a de frio e de solidão até á alma.

Pensou em viajar ; mas a pobre da velha prima não havia quem na arrancasse aos seus gatos, aos seus padres, ás litographias de santos e de santas que lhe enchiam todo o quarto profusamente, a tudo isso que era para ella, como o ar ou como a luz, condição indispensavel de existir.

Foi então que a irmã veio passar ali uns tempos de verão com a filhita de mezes que lhe nascera ao termo de oito annos de casada — a Maria da Graça. E essa creança, filha da *outra*, da que lhe roubara o coração d'elle, amou-a ella profundamente, como se fôra sua, com toda a alma, feliz por poder-a amar assim, sem receios, sem remorsos, licitamente e infinitamente. Quando a irmã se foi embora, levando-a, a dôr e a saudade por ella fizeram-na interessar-se por todas as creanças. Dava-lhes roupas, ás mais pobresinhas; fazia-lhes brinquedos; ia vel-as quando estavam doentes ; soccorria-lhes os paes por amor d'ellas.

E, desde então, a sua vida teve um alvo; os seus ocios uma occupação que a satisfazia.

Todavia, e apesar de tudo, a alma continuava a sentil-a soffrer: um soffrimento resignado, é certo, mesmo quasi doce na sua amargura, mas vivo sempre, constante sempre. Ella, a sua pobre alma, é que nunca se habituaria áquella solidão, e indefinidamente aspiraria á outra alma, que era o seu complemento, que lhe era precisa para existir, com existencia plena, completa, — a unica e verdadeira existencia. Profundamente religiosa, o pensamento, então, d'uma outra vida, toda de libertação e de amor, quasi lhe punha medo naquella solidão anciosa da alma, que a havia de seguir por toda a parte, dar-lhe sempre, em toda a parte, mesmo no meio dos esplendores do ceo, a sensação do deserto, do vacuo feito em roda de si. E no seu rosto murcho, na paz dorida do seu rosto murcho, um desassocego tinha nascido, sublinhado naquella ruga da testa estreita, que vinha, desvanecida, morrer em baixo, nas sobrancelhas quasi unidas.

A mãe tinha-lhe fallado vagamente — coisas que lhe constavam, porque o filho nem uma palavra em desabono da mulher lhe dissera nunca—que elles se não davam bem; genios muito desencontrados; dureza de coração: e outras coisas a respeito d'ella que muito em segredo se murmuravam, como leviandades de alcance e que muito a compromettiam... Ella propria por varias vezes pudera observar que tudo aquillo do principio acabara já ha muito para elles — as doces palavras ao ouvido, os beijos a furto, os olhares carregados de paixão e de desejo. Parecia agora que se aborreciam; evitavam-se: evitavam sobretudo ficarem sós: mas, se succedia, cada um procurava uma coisa em que se absorvesse, um livro, um jornal, um trabalho, qualquer coisa.

E, pensando nisto, na mutua desaffeição dos dois, ainda uma ou outra vez o coração se lhe alvoroçava todo numa esperanza. Se tivesse sido um desejo, uma paixão de momento, o que o tivesse arredado d'ella para a irmã, e lá no intimo, bem no intimo, a alma nunca se tivesse dado, nunca tivesse deixado de ser sua, a alma d'elle! Sonhava: sonhos de que

não tinha, ao acordar, a mais leve recordação : mas de que lhe ficava, mysteriosamente, um vago sabor dulcissimo de felicidades ha muito, ou muito longe prelibadas, mas vivas, mas reaes, que durante o sonho a alma conhecera, a alma vivera. Outras vezes, mesmo de dia, via-se cahir de repente numa distração, numa abstracção que era quasi a ausencia de todo o pensamento ; e, ao acordar d'ella, divinamente, uma voz dentro em si murmurava, uma voz que simulava um echo da voz d'elle, da alma d'elle, que em volta da sua alma adejassee annunciante, como, no mar, á volta do barco desarvorado, o perfume d'uma ilha occulta em nevoeiro denso.

Já lá iam tantos annos passados assim ! A Maria da Graça tinha já cinco — a sua linda Maria da Graça, que era ainda, e sempre, o seu melhor, o seu supremo refugio de abandonada. Tão linda que ella lhe tinha vindo, d'esta vez ! Tão linda que ella havia de parecer, ao outro dia, na procissão, com o seu vestidinho d'anjo ! A elle é que o achara muito acabado : com pouco mais de trinta annos e já tantas rugas, já tanto cabello branco . . . E pensan lo nessa quasi certeza de elle viver maguado, torturado, uma piedade infinita lhe veio, por elle, por si, por toda aquella vida de ambos perdida para a felicidade, e irresistivelmente, silenciosas e ardentes, duas grossas lagrimas brotaram-lhe dos olhos e foram cahir, desfeitas, sobre esse desbotado retrato d'elle, que os seus dedos tremulos ainda seguravam.

Embevecida, não dera fé de que a porta quasi ao lado d'ella se abria ; e um homem moço ainda entrava risonho ; mas ao vel-a, logo parava surprehendido e no rosto se lhe espalhava uma expressão de funda tristeza, de quasi angustia, mesmo. Ergueu os olhos, e, dando com elle, sem saber o que fazia, numa dolorosa confusão, deixou cahir o retrato para o fundo da gaveta, entre o montão das fitas e das rendas, muito desfigurada, os labios brancos a tremerem convulsamente . . . Quiz fallar : mas nem sabia que dizer, nem as palavras lhe podiam sahir da garganta, suffocadas.

Foi elle então que se approximou d'ella, muito triste, e, ajoelhando aos seus pés, tomou-lhe uma das mãos e devotamente, religiosamente, beijou-l'h'a. Ella quiz ainda retiral-a, mas chegou-lhe aos ouvidos uma breve supplica de perdão, e sobre os dedos cahiram-lhe duas lagrimas ardentes, duas lagrimas vivas, dolorosas.

Então, surprehendida, voltou-se e fitou-o nos olhos, anciosa. E esses olhos ennevoados de lagrimas, erguidos para os seus numa supplica, disseram-lhe tudo, contaram-lhe tudo, todo esse pungente drama da sua vida, como se fallassem, melhor ainda do que se fallassem. E atravez de todas as decepções soffridas, de todas as amarguras tragadas, de todas as vergonhas que elles lhe revelaram, ella descobriu sempre, inalteravel e puro, o seu antigo amor por ella, que o capricho pela outra não pudera extinguir, não pudera mesmo diminuir. Era a ella que elle amava ainda; era a ella que elle amara sempre; só a ella: tinha agora d'isso a certeza. Separados nesta vida, noutra vida se encontrariam, se uniriam, se identificariam... E seria então feliz.

Um raio de sol veio de subito envolver-a toda; e nesse raio de sol os cabellos brilhando, irradiando, dourados e ardentes, coroaram gloriosamente o rosto d'ella transfigurado, os olhos n'um extase para a visão da sua alma e da alma d'elle, ambas finalmente num beijo unidas, fundidas num beijo, a acenarem-lhe e a sorrirem-lhe, lá de longe, lá de muito longe, das profundezas inaccessiveis do azul mysterioso — naquelle raio de sol...

Acordou á voz d'elle, já de pé, que lhe dizia, nos labios uma tremura que forcejava por disfarçar:

—Pois eu sabia que estava a arranjar o vestido da Maria da Graça: e vinha surprehendel-a..

—Ah! a Maria da Graça!...

E risonha, pegando-lhe na mão, levou-o até ao canapé de palhinha onde, poisado muito ao de leve, todo coberto de sol, o vestido de anjo da Maria da Graça brilhava, irradiava, cheio de graça..

BEATRIZ PINHEIRO

Poetas



Chegou a Primavera. E com a Primavera aqui nos vceem as andorinhas. Bemvindas!—E bemvindos tambem os poetas que nesta quadra é de rigor visitarem-nos com os seus versos. Tres livros de versos tenho eu aqui (d'um dos quaes já no n.º passado se publicou um excerpto) que em todo o tempo mereceriam ser lidos e apreciados a valer; mas então nestes lindos dias que vão correndo é de a gente os ler e reler, e, a le-los e a rele-los, se deixar esquecer de todo das tristezas e miserias d'esta vida, perdidos, como os seus autores, pelas alturas, pelas estrellas...

Mas espaço me falta elle a mim para largamente me occupar dos livros, como desejava e devia; ponto pois, no preambulo. E vamos lá pelo ultimo recebido, para irmos com a sentença do Evangelho, se bem que, felizmente, para o caso todos elles sejam dos escolhidos...

DESCENDO

de

JOÃO LUCIO

D'este livro já a *Ave-Azul* em tempos fallou: e d'elle conhecem os leitores algumas composições, entre as quaes a *Dôr das pedras*, que para logo me inspirou grandissima estima pelo poeta que eu até 'hi ignorara no amigo.

O volume é dedicado á memoria do tio do auctor, Henrique Pousão, uma bella alma de artista, que, como diz o poeta nos versos d'abertura, fazia

... as tintas gargalhar
E as fazia torcer e soluçar crispadas...

Descendo o intitolou elle; e com razão afinal: agora o con-

fesso depois de lida e bem considerada a soberba composição em que o justifica, offerecida ao sr. Dr. Silva Ramos. Descendo *pela escada que vae para o —Desconhecido... até poder sentir o coração das coisas*: foi assim que o poeta o concebeu e realisou: d'ahi o titulo: bem cabido, portanto. Alma de poeta-philosopho, que o mysterio attrahe e deslumbra, é nas sensações que passam despercebidas, nas coisas que aos olhos ficam inacessiveis, nos conflictos que ninguem perscruta, nas maguas que ninguem consola, nos limbos das almas degredadas, nos murmurios do silencio e nos clarões da sombra, é lá, é em tudo isto, e no mais que ha para alem de tudo isto, que toda ella se absorve e se concentra e se inspira, para nos dar ao cabo um volume de poesia seu tanto ou quanto macabra, é certo, perturbante, doentia; mas original, mas profunda, mas triumphalmente bella, apesar, ou talvez por causa mesmo, do seu sybillino desgrenhamento de loucura...

*Toca a luz numa planta; a planta, com amor,
Sente-se estremecer, sente-se mãe e canta;
Nasce depois, a rir, d'esse beijo, uma flor...
O que foi que se deu no ventre d'essa planta?*

São estes pontos d'interrogação em face do Desconhecido —como a legenda da porta por onde Dante desceu para a Cidade da Dôr—outras tantas linguas de fogo a cantarem por essas paginas fóra os segredos da pupilla, as musicas do fumo, as torturas da pedra, os trabalhos do vento, as lagrimas do perfume, as rondas do pó numa restea de luz...

*Presinto, oh pó, que tenho ainda de ir formar
Comtigo uma pupilla, em outras gerações,
E que ambos nós ainda havemos de levar
A um cerebro, então, as mesmas impressões.*

E' uma adivinhação?... é um desvario?...

E' poesia; alta, soberana, transcendente poesia. Dissemo-lo já em tempos: repetimo-lo agora:—Tem Portugal mais um poeta: e esse poeta chama-se João: *ecce puer natus est*

AVE-AZUL

nobis cui nomen est Joannes... João, como João de Deus; e, como João de Deus, algarvio...

A João Lucio, em meu nome e no da directora d'esta revista:—muitos agradecimentos e calorosissimas felicitações.

POEMA DA PAZ

de

J. Agostinho d'Oliveira

Deste poema fallei eu já tambem na *Ave-Azul*: lera-o então, ainda manuscripto, e para logo me seduzira e maravilhara, não pelo esplendor da forma, que essa sabia eu ser qualidade primacial nas obras do José Agostinho, mas sobretudo pela sublimidade do ideal que da primeira á ultima pagina o inspirava—a pacificação universal, a mais alta aspiração do seculo findo e que o seculo em que ora entramos ha de tornar, tenho essa fé, uma soberba realidade.

Taxem-na embora de quimera os que não sabem ou não querem despir-se dos preconceitos que os seculos de barbaria nos legaram: para quem a frio encare bem as coisas—a verdadeira chimera, a verdadeira utopia, não é a pacificação universal, não: mas sim a guerra entre grandes potencias. E' a conclusão a que chegou, na sua monumental obra sobre a guerra, M. de Bloch, o illustre sabio russo a quem cabe a honra de ter apresentado um novo e decisivo argumento em prol da doutrina pacifica. Esse argumento, exposto e documentado inilludivelmente nos seis grossos volumes da sua obra *La guerre*, nestas poucas linhas que d'ella extracto o resumo já agora para confirmação de crentes e conversão de incredulos:

La véritable chimere, la véritable utopie, ce n'est pas de résoudre les conflits par un tribunal arbitral obligatoire: c'est la guerre entre grandes puissances. Les perfectionnements l'ont rendue impossible, elle n'aboutirait qu'à des cataclysmes. Aussi, le plus grand service qu'on puisse rendre à l'humanité, c'est d'étudier profondément les conditions nouvelles de la guerre

et les résultats qu'on peut en espérer. Quand on sera bien convaincu de l'impossibilité de résoudre par la guerre les questions internationales, les désarmement s'imposera peu à peu par la force des choses.

Mas eis que, a proposito da obra d'um grande poeta, aqui me puz eu a fallar da obra dum grande sabio! E' que o poeta pela força do sentimento leva-nos á mesmíssima conclusão que o sabio pela força da logica:—o odio á guerra. Demais, não admira que, apreciando-lhe o poema, me deixasse arrastar a divagações, quando o proprio auctor, publicando-o, se julgou obrigado a precede-lo dumas tantas paginas de acclaração que muito merecem ser lidas e meditadas.

Mas entro na apreciação do livro que é offerecido em primeiro lugar á benemerita *Liga Portuguesa da Paz* fundada pela distincta escriptora sr.^a D. Alice Pestana (Caiel): e em seguida ao vibrante poeta das *Claridades do Sul* e do *Fim d'un mundo*, Gomes Leal, que lhe precedeu o *Poema do lar* de justos e justamente honrosos elogios; e ao incansavel paladino da instrucção e do professorado, o nosso amigo sr. Antonio Figueirinhas, illustre director da *Educacão Nacional* e da *Alliança*.

Depois do suberbo preludio que lembra pela magestade do verso a introduccão triumphal duma opera de Wagner—preludio que é uma esplendida alegoria da lucta do coração com a razão, figurados esta na selva e aquelle no mar—: entremos no castello (primeira parte do poema, intitulada *Guerra*) onde o velho pae, figura cyclica do Passado, atira ao filho, para que lhe continue as proesas a que o seu braço agora tremulo se recusa, a espada ainda ensanguentada de passadas carnificinas gloriosas. *Some-se no caminho o cavalleiro loiro* e uma voz no bosque, lembrando os córos das tragedias de Eschilo, resa, em deliciosos sonetos, um hymno á Senhora da Paz a que succede, em rythmos curtos, esfusiantes, toda a freima guerreira do moço que sonha com o estrepito das batalhas

*E quaes raios contra raios,
Espadas contra as espadas!*

Mas nisto, um gesto da Aparecida lhe susta a carreira vertiginosa: e seguem, numa meditação hamletica, os dois para mim melhores trechos da 1.^a parte, que eu peço venia para chamar a *Ballada das taças* e a *Elegia do touro*:—das taças que se quebram nas mãos dos vencedores cubertos de sangue, quando ao longe os sinos dobram pelas noivas que lhes morreram: do touro que, depois de ter pisado uma flor inoffensiva, vae por seu turno expirar na arena ás mãos do matador que nas entranhas lhe enterra a espada rutila...

Convertido, o môço-cavalleiro acoita-se no seio da Floresta á busca de paz, de paz para o seu coração torturado de remorsos, que lhe fazem ouvir no ramalhar das arvores o pranto desvairado das viúvas e dos orphãos que a sua espada atirou para o lucto e para miseria. Ao longe ergue-se o côro da *Ave-Maria* em estrophes deliciosas, harmoniosissimas: e o desespero d'elle, exacerbado ainda por aquella toada pacificante, explode allucinadamente em tragicos tercetos, como o troar da guerra que lhe vae traváda dentro do peito desoladora.

E o poema fecha com a terceira parte, *Amor*, onde, passada a tormenta dos alexandrinos iniciaes, a calmaria succede de longe a longe cortada de já longinquos relampagos... A Sonhada vem: e um colloquio d'almas, em sonetos d'uma grande elevação, trava-se entre os dois, emquanto as vozes todas da Natureza em festa lhe cantam em roda o epithalamio...

E o derradeiro verso é Deus que lá do alto, abençoando-os, o profere: — *Amae-vos, que o Amor sou Eu!*

Tal, muito de fugida exposta, a tessitura do *Poema da Paz*.

Superfluo accrescentar que, equal ao *Poema do Lar* quanto á opulencia e magestade da forma e quanto ao fogo e raptio da inspiração, se me antolha sem duvida muito superior áquelle pelos largos horisontes que descobre, pelos altos sentimentos humanitarios que o inspiram. E dicto isto, descabidos me parecem quaesquer outros elogios.

Depois de completa a trilogia, então nesta ou noutra revisita direi o que do conjuncto se me offereça.

A José Agostinho—um grande abraço. E agora—para a frente!

O POETA SAUDADE

por

Afonso Lopes Vieira

A apreciação, já escripta, deste ultimo livro de Aff. Lopes Vieira não pode afinal, por um desarranjo de composição, ser publicada neste numero da *Ave*. Sê-lo-á, brevemente, noutra revista. Os leitores já sabem o que o livro vale pelo excerpto que d'elle demos no numero anterior.

Portanto, apenas uma noticia, com que certamente vão rejubilar os admiradores do bello poeta.

Findo, com o *Poeta-saudade*, o cyclo-colimbrão, Aff. Lopes Vieira vae fazer convergir todo o seu originalissimo engenho para uma grande obra cujo assumpto—*D. Sebastião*—é de molde a pôr-lhe em todo o destaque a sua extranha idiosincrasia de poeta. Bella obra será, porque ninguem com sensibilidade mais adequada a senti-la e poucos com tanto talento para realisa-la.

CARLOS DE LEMOS



REGISTO BIBLIOGRAPHICO

Ao tanger dos sinos (contos e lendas): de Emilio Gebart: traducção de Eduardo de Noronha: edição da casa França Amado, Coimbra. E' um encantador volume de tresentas paginas, evocando tempos antigos, a agonia do paganismo, a pregação do Evangelho, os primeiros seculos da Egreja, as luctas e as crenças da Edade-media: tudo num estylo elegante e cheio d'humorismo que bem justifica os honrosos credits de larga erudição e fino gosto de que goza o abalisado professor de litteratura meridional na Faculdade de Lettras de Paris. A destacar: *A agonia de Cicero*, *A noite de S. Silvestre*, *O peccado de Frei Palavas* e a *Tentação de Savonarola*.

A traducção é esmerada: e a edição elegantissima. Preço, 500 reis.

* * *

Naufragios (romance original) de Cesar Porto. Um consciencioso estudo da vida da classe-media: a linguagem porrem demasiado crua por vezes: e para dizer tudo, repugnante mesmo, sem necessidade ou sequer utilidade para o fim que o auctor, escrevendo-o, se propoz. O artista deve, cremolo, inspirar-se na realidade: mas nem toda a realidade serve para o artista. A arte é forçosamente uma selecção. D'ahi o reparo. De resto, as scenas do romance são na sua maioria flagrantes de verdade: e as figuras que nelle se agitam são vivas, bem vivas: conhecemo-las todos, vivemos com ellas, encontramos-las a cada passo, mal pomos o pé na rua. Se ás vezes, por exaggeradas um pouco, nos parecem caricaturas, é que no mundo, e sobretudo no *meio* que o sr. Cesar Porto escolheu para a acção do seu romance, ha muitas figuras assim, reles, frustes, carnavalescas. Em conclusão: um bom romance que para nós e para muitos só tem e só terá um defeito, mas esse grande: o de abusar das liberdades de que usou e abusou Emilio Zola que já nem d'ellas usa...

Na nota final o auctor informa-nos da intenção sociologica, psychologica e philosophica a que obedeceu escrevendo-o; bem como de que devia ser este romance o primeiro d'uma trilogia onde esperava exprimir as suas concepções da realidade mais grosseira... Ora, pois que por motivos que o auctor julgou ponderosos, fica por concluir a trilogia, porque se não eleva desde já, como pensava fazer em obras subsequentes, á exposição de formas menos imperfeitas, d'uma supremacia realidade como syntheses?...

E permittimo-nos fazer-lhe esta pergunta, porque lhe reconhecemos talento e energia para nos dar bellas obras merecedoras a todos os respeitos de applauso incondicional.

Do mesmo auctor recebemos tambem o opusculo intitulado *O Posser e o Theatro Anormal*. São umas tantas dezenas de paginas descabelladas, uma catilinaria em forma, que, á parte as demasias de temperamento, nos deixaram a persuasão de que no *Normal* ha realmente Posser demais...

Coisas nossas! Mas de quem a culpa?...

* * *

A Mulher e a Civilização (Estudo historico, economico e juridico da evolução parallella dos sexos): por Carneiro de Moura. De ha muito nos cumpria fallar d'esta obra, por todos os motivos merecedora das nossas sympathias e applausos. Como porem se nos tivesse extraviado e só agora nos voltasse ás mãos, d'ella só agora nos occuparemos: e ainda mal que, alem de tarde e a más horas, em poucas palavras somos forçado a faze-lo, á mingua d'espaco para mais. Abalisado professor de Historia, distincto jurisconsulto e jornalista de larga envergadura, Carneiro de Moura já em tempos se revelara publicista de subido merito principalmente na sua obra *A politica portugueza*, que muito applaudida, e tambem muito discutida, foi ao tempo da sua publicação. E' certo porem, que na obra que ora temos sobre a nossa banca de trabalho mais claro se evidenciam o seu vigoroso talento e vasta erudição: talvez porque mais de dentro lhe brotou e mais amor nella poz, como obra destinada á filha estremecida e inspirada por sem duvida no convivio da esposa carinhosissima. E' a historia da mulher desde a familia primitiva até á democracia contemporanea, concluindo por apresentar no derradeiro capitulo varias soluções ao problema da emancipação feminina de que se apresenta, com o que muito folgamos, advogado e propagandista valiosissimo. Livro para ser muito lido e meditado por todos: homens e mulheres: estas para que bem conhecessem quaes os seus direitos: aquelles para que bem pesassem quaes os seus deveres. Está-nos porem a parecer, ai de nós! que nem elles nem ellas o lerão: que lhes está lá dentro e bem fundo inveterada a doença do indifferentismo que a todos nos trouxe a esta miseria em que nos vemos e de que já não ha levantarmo-nos!

Façamo-lo ao menos ler aos nossos filhos e ás nossas filhas: e talvez que elles e ellas acertem de construir o edificio social que os poetas de ha muito vêem sonhando e os homens de recto pensar vêem de ha pouco preparando...

A Carneiro de Moura, cujo brilhante talento e primoroso caracter admiramos e apreciamos de ha muito—desde Lamego em cujo Seminario ambos cursamos Theologia—, os nossos calorosissimos applausos e um aperto de mão agradecido pelo exemplar com que nos brindou.

* * *

Memorias de um «Medium» (Excerptos de um diario): por João da Rocha. O poeta da *Nossa Senhora do Lar* era já nosso conhecido, e muito como tal o apreciavamos, quando nos chegou o volume com o titulo supra. Demais, leramos já, em não sei que revista, excerptos d'outro volume seu, tambem em prosa, *Angustias*, que nos consta achar-se no prelo: e paginas eram essas de tão alta espiritualidade, que da sua leitura nos havia ficado funda impressão ainda não de todo apagada. Assim pois, foi com desusado entusiasmo que o recebemos, lhe abrimos as folhas e lhe começamos a leitura... Talvez de tudo isto, em grande parte, derivasse a decepção soffrida: a verdade é que as *Memorias de um «Medium»* em nada corresponderam á nossa, aliás justificada, expectativa. Mesmo o prologo, já confuso como exposição e explicação dos phenomenos vulgarmente chamados espiritistas, é mais confuso e mais dubio ainda como profissão de fé que o auctor se propoz fazer e de que a bem dizer pudera prescindir, como simples colleccionador e editor, que se apresenta, das memorias de Germano. Mas se o prologo do sr. João da Rocha nos não satisfaz, o diario de Germano então, paginas houve em que chegou a revoltar-nos. Aquelle Germano não é um *medium*; é pura e simplesmente um allucinado: e aquelle espirito não é tal um *espirito*: é uma invenção; nada mais. O que Germano não fez, apesar de Margarida lh'o ter aconselhado (pag. 168), é o que o sr. João da Rocha devia ter feito: devia ter rasgado *aquillo*... Diz-lh'o quem tem ahi alinhadas num dos raios da estante, as obras todas de Allan Kardek, alem d'outros volumes sobre espiritismo...

De resto, não é só nossa esta opinião. Aqui ha tempos, como succedesse estarmos conversando, por intermedio da mesa, com o espirito dum moço que conhecêramos, intelligente e bom, e que a si proprio, antes de nos dizer o nome que tivera, se nos apresentara como tendo sido «um artista da penna»: occorreu-nos perguntar-lhe que juizo fazia da obra que tinhamos ao lado sobre a mesa de trabalho. Eram as *Memorias de um «medium»*...

A sua resposta foi — textualmente, porque a fixamos bem

na memoria : — *Córo na alma ao ver que se escrevem taes coisas !*

Enganar-nos-emos nós ? mentir-nos-ia o espirito ? *Dicant paduam . .*

Do que estamos persuadido é de que, se Germano era realmente um medium, o espirito que lhe falava era forçosamente um d'aquelles espiritos de terceira ordem que Allan-Kardec nos diz, no *Le livre des esprits*, «acharem gosto em mystificar e em causar pequenas contrariedades de que elles proprios se riem.»

Outra persuasão temos ainda : é de que o sr. João da Rocha nos não levará a mal estas linhas, que, se d'ellas alguma indignação transpira, é só contra o ridiculo frivolamente arremessado sobre uma doutrina que pudemos não professar em toda a linha mas que em toda a linha respeitamos e a que em muitos pontos adherimos desassombradamente. Oxalá assim o entenda o sr. João da Rocha, a cujo talento prestamos a devida homenagem, aguardando o proximo livro *Angustias*, onde certamente, como o poeta na *Nossa Senhora do Lar*, o intellectual que é o sr. João da Rocha mais digno dos nossos applausos se nos ha-de apresentar.

Por agora, os nossos agradecimentos pelo exemplar offerecido.

* * *

Pyrilampos (contos): de Simões Ferreira.— A acrimonia com que em tempos aqui nos referimos ao volume de versos *Arreboes* d'este moço escriptor derivava, em grande parte pelo menos, do desgosto de o vermos enveredar para um genero litterario em que o seu talento, longe de se manifestar em todo o relevo, ficava altamente prejudicado. A prova, se precisa fosse, de que nos não enganavamos, dá-no-la, e com muito gosto o registamos, este volume de contos *Pyrilampos*, cuja leitura, longe de nos provocar a bilis, nos recreou por algumas horas: o que do coração agradecemos ao sr. Simões Ferreira. Não é isento de defeitòs: a prosa é por vezes um pouco empastada; e nem sempre conserva aquella simplicidade e naturalidade que parece ter tomado por fito: mas numa duzia de contos que abrangem umas duzentas paginas esses defeitos ficam sobejamente compensados por trechos de prosa dispersos por todo elle, em que o estylo segue numa graça ligeira de quem procura moralisar entretendo, com descrições de paisagens bem traçadas, retratos de typos bem acabados e até o dialogo, em que grandes escriptores fraquejam quasi sempre bem travado e apropriado. Estreou-se pois,

em prosa o sr. Simões Ferreira por modo a merecer os nossos applausos: pelo que nos felicitamos. Moço que tanto trabalha não precisa que a trabalhar o incitem: — cá ficamos aguardando novos volumes que confirmem o conceito que do seu auctor por este ficamos fazendo.

* * *

Perpetuas e Goivos (Na morte d'um poeta): por Silva Gonçalves, — Um moço de talento que diz adeus á litteratura, este sr. Silva Gonçalves: quando tantos outros, sem talento, a ella teimam em consagrar improficuas vigílias, coisa é para bem do coração se lastimar. Mas no nosso paiz é a resolução mais sensata que pode tomar: ou nelle não fosse a litteratura... o que na sua carta de 8 d'outubro de 98 lhe dizia o desgraçado poeta das *Azas*, Eugenio Savard, a cuja memoria o livro é consagrado. Do mesmo auctor porem, acabamos hoje mesmo, 14 d'abril, de receber um outro volumezinho que dá quasi um desmentido á declaração no final do primeiro formulada: intitula-se este: *No mosteiro de Souto*: e é separata de artigos publicados no *Bracarense* a proposito da festa que naquelle mosteiro se realisou para inaugurar o novo seculo. Tanto este como aquelle estão escriptos em prosa elegante e revelam muito talento e muito coração: predicaos que no ministerio a que tenciona dedicar-se, o sacerdocio, terão ensejo que farte para mais e melhor se patentearem: o que muito desejamos.

* * *

Nemphares (versos da beira-mar): por Alvaro Pinheiro. Prefacia o volume o elegante prosador sr. Julio de Lemos. Umás paginas de critica justa que em toda a linha perfilhamos. Os versos do *Nemphares*, ingenuos e simples, lêem-se realmente com agrado e enballam-nos docemente o ouvido como o marulho das ondas que os inspiraram. Prova-o esta pagina que pedimos venia para transcrever:

ONDAS

Branças ondas, brancas ondas,
Porque é que soluçaes
Cá nas arribas da praia
Que de continuo beijaes?
Nesse vaivem tão constante
O' ondas, que desejaes?
Acaso tendes amores
E são d'amor vossos ais?

*Eu não sei, ondas, não sei,
Mas vós gemeis, suspiraes...
E' perdido vosso amante,
Acaso, nos areiaes?...
O' ondas porque choraes?*

E é todo elle assim, de versos correntes como as aguas do mar cantando sempre a mesma toada que não chega a enfastiar nunca, quando a ouvimos na praia porque do tempo nos esquecemos, nem chega a enfastiar no livro porque... porque o livro tem só quarenta e tantas paginas.

Bibliographia estrangeira

E começemos pela Hespanha que nos fica ali fóra de portas. Pela Hespanha, disse, porque o auctor é hespanhol, se bem que o livro seja escripto em portuguez. Intitula-se elle: *Atravéz da Hespanha litteraria* (breves estudos sobre a litteratura hespanhola antiga e moderna): e é seu auctor o sr. José Cervaens y Rodriguez que, publicando este seu estudo, bom serviço prestou ao seu e ao nosso paiz: ao seu, concorrendo para que sejam conhecidos e devidamente admirados entre nós os seus grandes escriptores — que os tem e dos que grandes são em todo o tempo e em toda a terra; ao nosso, porque, em boa verdade como, talvez para seguirmos o dictado de que sanctos da porta não fazem milagres, nós em Portugal, a litteratura que menos conhecemos, depois da nossa, (não ha equivoco) é a hespanhola, estas cem paginas d'informação, que só perdem por serem tão poucas, devem forçosamente acordar em muitos o desejo de ler obras admiraveis cujo encanto já só pelos excerptos nos prende e subjuga. Miguel de Cervantes, Fernandez Moratin, Calderón de la Barca; Quintana, Espronceda, Zorilla; Nuñez de Arce, Campoamor; e os *poetae minores*: e essa mulher extraordinaria, que se chamou Doña Concepcion Arenal; e esse extraordinario homem cujo nome anda agora emtd as es bocas gritado aos quatro ventos, com odio por uns, por outros com amor, por todos com o maximo respeito, porque mesmo os adversarios lhe fazem justiça ao caracter que só tem a egualar-lo o seu altissimo talento — Benito Pérez Galdoz, o victoriado auctor da *Electra*: taes as figuras de cuja vida e obras o sr. Cervaens y Rodriguez se occupa no seu livro que muito merece ser lido, porque a todos recreia e instrue.

Os nossos agradecimentos pelo exemplar offerecido.
E passemos á França.

La Littérature Portugaise contemporaine: por Mr. Guy de Thérmond, official da Academia; official do Nicham-Iftikar, cavalleiro do Dragão d'Annam, etc. Sobretudo, o que S. Ex.^a é, é um poeta duma rara delicadesa quasi morbida, como bem attestam os dois pequeninos volumes *Les vers de vingt ans* e *Les joies de la Possession*: um brilhante contista, como bem attestam as novellas que espalhou pelo *Gil Blas* para depois as reunir em volume com o titulo *Au pays des lettres*; e finalmente um romancista de muita observação e de muito espirito, com um talento maleavel que tanto se revela num estudo de costumes burguezes (*La Pupille de Madame Gueslot*) como num ensaio de psychologia emocionante (*Sur le chemin du bonheur*, a apparecer brevemente).

Propositadamente preambulei assim, porque tão insignificantes nos supponmos nós os portuguezes, que a maioria do nosso publico de si para consigo decidiu que só se occupam de coisas nossas lá fóra os que lá fóra ninguem conhece e por isso mesmo buscam fazer-se conhecidos... entre nós. Estupido amesquinhamento coroado por um desvanecimento estupidiissimo. De sobejo o provam: Marc Legrand, um poeta que o seu paiz muito considera; Philéas Lebesgue, poeta não menos illustre e critico a que o *Mercur de France* abre jubiloso as suas paginas; Ary René d'Yvermont, poeta e jornalista d'incontestavel valor: e, para não alongar demasiado a lista, mesmo só na França, fecha-la-ei com o distincto homem de letras cuja 1.^a conferencia sobre a nossa litteratura contemporanea aqui tenho em elegantissima plaquette offerecida, como a quem mais de direito, a S. M. o sr. D. Carlos, com cujo retrato abre.

Bom é, e muito de agradecer, que, enquanto os politicos e os banqueiros se desunham a difamar-nos, ao menos os homens de letras nos façam a devida justiça, considerando-nos como um povo cuja litteratura merece que nella se fixem as attensões da França. Foi o que nesta conferencia fez Mr. Guy de Thérmond, que conclue por estas palavras:

«On peut donc dire, en un mot, que, dans son ensemble, «la littérature portugaise du XIX siècle a une physionomie à «part, toute empreinte de lyrisme; mais, si, elle s'est inspirée «souvent des littératures étrangères, elle a une originalité propre dont celles-ci se sont inspirées à leur tour, et c'est pour «cela qu'elle a sa place marquée, et bien nette dans l'histoire «générale.

Para breve, do mesmo, uma segunda conferencia — *Les poètes portugais contemporains*.

A mr. Guy de Téraumont, muitos agradecimentos pela gentileza da lembrança.

* * *

Une ville de Province (Esquisse) : por Mr. Léon Legavre. — Numa elegante plaquette, edição da *Librairie d'Art*, o elegante e espirituoso poeta das *Marionnettes* — cujo brilhantíssimo talento nos habituaramos já a admirar nas paginas da *Verbe ne* que redige em Mons — apresenta-nos um curiosíssimo estudo d'uma cidade de provincia, curiosíssimo e minuciosíssimo, com todos os seus preconceitos e tartufismos, todas as suas coscubilhices e bairrismos, todos os seus grandes-homens ridiculos e todas as suas grandes rivalidades ridiculissimas. Interessantíssimo e, ai de nós ! nada exaggerado, só a verdade, a purissima verdade — o que elle diz dos poetas d'essa cidade de provincia: de todas as cidades de provincia... *Mais il y a les poètes...* Todo o trecho, escripto com um fino humorismo, parece caricatura : e é afinal simplesmente copia. Não admira : o sr. Leon Legavre tinha o modelo a pousar-lhe em frente . . Mas todas as vinte paginas são assim. Meia duzia de linhas ao acaso :

Aller au théâtre constitue le suprême bonheur et le nec plus ultra du chic. On en parle huit jours d'avance, on s'y prépare comme pour un acte d'une capitale importance. La veille du grand jour on ne tient plus en place.

Paginas que se lêem e relêem, e que ao fim d'oito dias se tornam a lêr, achando-se-lhes sempre o mesmo sabor de novidade — satira amavelmente espirituosa, que mesmo áquelles para quem seja espelho fará sorrir, como se tal se não dêsse.

* * *

Les lois de la Parole (Essai de synthèse phonétique) : por Mr. Philéas Lebesgue. — Ha quantos tempos esta plaquette, como a anterior, me está reclamando, como de toda a justiça, duas palavras em que, quando mais não fosse, a agradecesse ao seu auctor que tão profunda estima nos merece como poeta e como homem ! De dia em dia, para d'ella fallarmos largamente, como exigia o seu grandíssimo valor: e afinal, neste, por agora pelo menos, ultimo numero da *Ave*, quasi mais não posso fazer, á mingua de espaço e de vagar, do que exactamente asseverar que são pouco mais que uma dezena de paginas d'um grandíssimo valor: e de tanto alcance que as faz valer por cem a cada uma !

Estabelecendo como ponto de partida para o estudo do trabalho cerebral inconsciente em que se baseia a genese dos sons verbaes da Palavra humana — a constituição synthetica do ho-

mem em face da Natureza cujas diversas apparencias ou impulsões é chamado a manifestar: discrimina-lhe as suas tres modalidades essenciaes: o *Espirito*, a *Vida*, o *Corpo*: a *Causa*, o *Esforço*, o *Efeito*: os tres centros principaes do seu organismo hieraticamente dispostos: o centro digestivo, o centro animico, o centro nervoso: d'ahi tres modos de ser, tres modos de viver: o centro phisico, o centro physiologico, o centro psychico: chamados a crearem successivamente: as *Sensações*, os *Sentim n'os*, as *Ideias* (o ser material, o ser moral, o ser espiritual).

D'ahi...

Mas isso leva-me longe, muito longe.

Façam por obter o opusculo: e eu lhes garanto que, mesmo os que muito saibam da materia nelle encontrarão muito, muitissimo que aprender e que meditar. Porque são sobretudo paginas que obrigam a pensar, d'uma alta suggestão, como só a sabem dar a coizas de sciencia espiritos de poeta como é Mr. Philéas Lebesgue de quem os nossos leitores já teem podido avaliar a poderosissima inspiração de iniciado nos mysterios do Occultismo...

Agora a Italia:

Dos acredita los editores de Turim, srs. Roux e Viarengo, recebemos ha tempos duas interessantes obras, por cuja noticia nos praz déveras iniciar este registo: são ellas: — *Gli Addii* e *Come si ama*.

Gli Addii: de Gemma Ferruggia. — E' de ha muito um dos mais distinctos escriptores da Italia esta senhora: bastará citar os romances: *Verso il nulla*, com seis edições; *L'idea*, com quatro edições; *Follie muliebri*, traduzido para inglez por H. Zimmern; os volumes de critica: *Autori e autrici*, conferencia; *Il cervello della donna*, sobre a intellectualidade feminina; *Matilde Sarao*, estudo e recordações; e ainda para o theatro: *Come a'llora!* monologo que foi traduzido para francez; *L'insorta*, drama num acto; e *Amata Desclée*, drama em quatro actos.

As oito pequeninas miniaturas que constituem o volume *Gli Addii*, são realmente curiosissimas e lêem-se da primeira á ultima com muito prazer. Impressões colhidas do natural, estudos psychologicos, romances em poucas paginas—todas ellas escriptas com tal elegancia de forma e subtilisa d'analyse como só pudera realisar-as um alto talento de mulher-artista. —«Tende piedade dos que se amavam e foram separados! Tende piedade do insulamento do coração! tende piedade dos

objectos da nossa ternura! . . . » Assim dizia a oração que a auctora relembra na carta-dedicatória a Dona Vittoria Cima. Tal é na verdade o thema a que obedece todo o volume: amores que remataram pela separação: adeuses; saudades: renuncias. . . tudo isto por tal forma sentido, que nos deixa ao cabo o delicioso travor de lagrimas e uma suavissima melancholia a tresbordar nos da alma irreprimivelmente. Se nos fosse licito estabelecer preferencias num volume onde todas as paginas são um encanto, destacaríamos o primeiro e o ultimo conto: *L'abbandono* e *La suprema ironia*, que por si sós bastariam a fazer o justo renome dum escriptor que o não tivesse obtido ainda.

* * *

Como si ama: de F. de Roberto. — Como philosopho e critico, como romancista e novellista, é este, o amor, o seu thema predilecto. A' sua curiosidade de sabia e á sua vocação de artista é nos casos d'amor que se lhes depara o largo campo de acção que demandam. E que suberba, que triumphal colheita! Basta citar, em philosophia o volume *L'amore*; na arte o volume *Gli amori*. Ora o *Como si ama* é no genero do ultimo citado, mas talhado de modo a comprovar as theorias expostas no primeiro. E' a historia de sete dos personagens historicos, contemporaneos ou quasi, mais conhecidos e mais dignos portanto de provocar a nossa curiosidade sobre a sua vida intima ou antes sobre a vida intima do seu coração. São elles: Mademoiselle de Lespinasse, o prototypo das grandes amorosas: J. Jacques Rousseau: Goethe: Napoleão: Las-sale: Balsac e Bismark — o Philemon do seculo XIX.

Encantadores romancesinhos estes, bem verdadeiros e bem vivos: a historia amorosa do philosopho de Genebra; a paixão serodia e unica — unica talvez porque serodia — de Goethe que em todas as mulheres que a sua mocidade amara se amara sobretudo a si proprio: o Tantalos do Amor, que se chamou Napoleão — o Homem que não chegou a encontrar uma Mulher — a suavidade e ternura dos amores do grande poeta e grande artista que se chamou Honoré de Balsac: aqui tem o que este livro nos conta numa linguagem correcta e elegantissima, a par o philosopho e o artista, ambos envidando, e com o maximo exito, todas as suas forças para nos prenderem a attenção, nos dominarem a alma: e a gente chega ao fim do livro, convencido de que até aqui não conhecia aquelles homens e que só agora, porque a lampada d'Aladino d'um subtilissimo talento derramou luz nos escaninhos

d'aquellas almas, é que os conhece a valer e os ama devéras por tanto que amaram e souberam amar.

* * *

Bib'iotheca da Iride Mamertina: de F. Italo Giuffré.— Nada menos que quatro encantadoras plaquettes d'este nosso illustre collega de Reggio di Calabria: *Pariniana*: recolho de sonetos á memoria de Parini; *A G. Verdi*, recolho de sonetos á memoria do grande artista; *Ricordi letterari e Divagazioni artistiche e litterarie*: sonetos primorosos: memorias interessantesissimas. D'estas destacamos no primeiro as paginas consagradas a Ernesta Napollon, essa extraordinaria escriptora que nas paginas do *M'edetta* nos deixou a sua auto biographia. D'ella escreveu Elda Gianelli que a sua vida era «um quadro a aguadas claras sobre um grande fundo de sombra»: frase felicissima que synthetisa bem toda a enormissima miseria da vida d'este altissimo espirito de mulher cujos derradeiros annos se passaram a redigir jornaes, a colaborar em revistas, a escrever livros e... a ensinar linguas por casas particulares, para viver e fazer viver os filhos; e que morre á noticia de lhe ter fallecido um filho, golpe com que não poudo o seu despeçado coração de mãe amorosissima.

E do valor artistico de todas estas pequeninas joias preciosissimas nem fallo: o admiravel talento do sr. Italo Giuffré já é conhecido dos nossos leitores de muitas outras vezes em que d'elle nos temos occupado, sobretudo quando largamente apreciamos nesta revista o seu magistral *Il trionfo de L. Leopardi*.

* * *

Outras obras recebidas:—D'ellas daremos noticia em outra revista, de Lisboa, onde, durante a interrupção da *Ave*, registaremos tambem as obras e revistas que continuarem a ser-nos enviadas.

* * *

Antonino Mari:—Foi eleito socio do *Instituto* de Coimbra este nosso amigo e illustre director da *Eros*. Honra merecidissima foi; porque poucos, em tão pouco tempo, tem trabalhado tanto como elle, em favor das Lettras Portuguezas. O nosso amigo fará breve mente na sociedade *Scienza e Progresso*, de Messina, sobre a Alma Portugueza, ou antes, sobre os Poetas de Portugal, uma conferencia que depois publicará em volume. Tambem brevemente apparecerá em volume a primorosa versão que fez do bello livro de Severo Portella—*Terra d'Exilio*, no qual fundamntou o excellente e extenso artigo *Tendenze neo-mystica latina della litteratura portoghese*, publicado na *Sicilia moderna*. Na *Helios* de Casteivetrano, publicou tambem uma bella traducção do artigo com que a *Ave* commemorou o centenario de Almeida Garrett. Neste n.º da *Ave*, finalmente, a encantadora versão da poesia—*Oração*—de Beatriz Pinheiro. Agradecimentos e parabens.